

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção

Nelson Marques

**“A IGREJA EM SAÍDA”:
UMA REFLEXÃO NA PERSPECTIVA DO DIACONATO PERMANENTE**

Pesquisa apresentada para avaliação de graduação em Teologia, trabalho de conclusão de curso da Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP, campus Santana, para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob a orientação do professor Dr. Pe. Sérgio Lucas Camara

São Paulo
2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção

Nelson Marques

**“A IGREJA EM SAÍDA”:
UMA REFLEXÃO NA PERSPECTIVA DO DIACONATO PERMANENTE**

São Paulo
2022

FOLHA DE APROVAÇÃO

Tema: “A Igreja em Saída”: uma reflexão na perspectiva do Diaconato Permanente.

ALUNO: Nelson Marques

ORIENTADOR: Prof. Dr. Pe. Sérgio Lucas Camara

NOTA OBTIDA: _____

OBSERVAÇÃO DO PROFESSOR:

ASSINATURA: _____

DEDICATÓRIA

Com imensa alegria dedico este Trabalho de Conclusão de Curso em primeiro lugar à Deus, que me deu o dom da sabedoria, condições financeiras e a perseverança para poder concluir meus estudos. Dedico também aos meus pais que souberam me educar na fé católica, razão pela qual cheguei até aqui, meus irmãos que com certeza me acompanham na eternidade, minha esposa e meus filhos, grandes companheiros, e razão do meu existir. Por fim, dedico este trabalho ao Padre Júlio Lancellotti, grande batalhador em favor dos pobres e excluídos de São Paulo.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus que me deu o dom da vida e a felicidade de poder cursar uma universidade e aprender um pouco mais sobre as verdades do ensinamento cristão e da Santa Igreja Católica. Quero agradecer também minha família, meus pais, meus irmãos, todos já na eternidade, e também minha esposa e meus dois filhos pelo apoio e amor oferecidos diariamente. Agradeço de uma forma muito especial a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo que através de sua reitoria e seus professores altamente gabaritados, transmitiram com muito esmero e sabedoria os ensinamentos cristãos, possibilitando o verdadeiro discernimento de um futuro teólogo. Não poderia deixar de agradecer e confessar que já estou sentindo saudades da convivência amigável, e fraterna dos companheiros de classe. Finalizando, o único nome que vou explicitar aqui nos meus agradecimentos é do meu orientador de TCC Dr. Pe. Sérgio Lucas Camara que, muito contribuiu com meu processo formativo, tornando realidade este trabalho. Muito obrigado e que Deus abençoe a todos!!!

RESUMO

Ao escrever sua primeira Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, a Alegria do Evangelho, o Papa Francisco conclama uma Igreja em Saída, que saia de si mesma e vá ao encontro das pessoas, nas mais variadas situações e principalmente de encontro ao pobre, de acordo com a opção preferencial pelos pobres assumida pela Igreja a partir da América Latina. A Igreja em Saída é para todos, quer sejam pertencentes ao clero, ou leigos, pois todo cristão batizado tem a missão de evangelizar, a partir dos mais fracos e oprimidos, daqueles que mais necessitam. Trataremos especificamente da missão do Diácono Permanente, que ao receber a dupla sacramentalidade: do matrimônio e da ordem, deve manter o equilíbrio nas relações com a família e a comunidade à qual serve. Em seu ministério o diácono permanente recebe a tríplice diaconia: da caridade, da liturgia e da palavra. Sem desmerecer nenhuma, entendemos que a diaconia da caridade associada às demais, assume um caráter primordial, pois através dela o diácono leva a alegria do Evangelho de Jesus Cristo, na sua essência, ou seja, através da vivência do amor fraterno aos irmãos mais carentes. Assim, apresentamos alguns exemplos de pessoas que se doaram de uma forma quase que exclusiva aos necessitados, como uma forma de inspiração para a missão, e algumas áreas de trabalho inerentes ao diaconato permanente, tais como o trabalho com a população em situação de rua, a pastoral carcerária e a pastoral da esperança.

Palavras-chave: *Evangelii Gaudium*, Igreja em saída, Diaconato permanente, Opção preferencial pelos pobres.

ABSTRACT

In writing his first Apostolic Exhortation *Evangelii Gaudium*, the Joy of the Gospel, Pope Francis calls for a Church on the way out, which comes out of itself and goes out to meet people, in the most varied situations and especially towards the poor, according to the preferential option for the poor made by the Church from Latin America. The Church in Exit is for everyone, whether they belong to the clergy or lay people, because every baptized Christian has the mission of evangelizing, starting from the weakest and oppressed, those who need it most. We will deal specifically with the mission of the Permanent Deacon, who, upon receiving the double sacramentality: of marriage and order, must maintain balance in his relationships with the family and the community he serves. In his ministry the permanent deacon receives the triple diakonia: charity, liturgy and the word. Without belittling any, we understand that the diakonia of charity associated with the others, assumes a primordial character, because through it the deacon brings the joy of the Gospel of Jesus Christ, in its essence, that is, through the experience of fraternal love to the most needy brothers. Thus, we present some examples of people who gave almost exclusively to the needy, as a form of inspiration for the mission, and some areas of work inherent to the permanent diaconate, such as working with the homeless population, the prison ministry and the ministry of hope.

Keywords: *Evangelii Gaudium*, Church on the way out, Permanent diaconate, Preferential option for the poor.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CDC	Código de Direito Canônico
CIC	Catecismo da Igreja Católica
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
DAp	Documento de Aparecida
EG	<i>Evangelii Gaudium</i>
FEBEM	Fundação Estadual do Bem Estar do Menor
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LG	Lumen Gentium
ONGs	Organizações Não Governamentais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I: Refletindo sobre a evangelização.....	13
1.1 Aspectos teológicos da <i>Evangelii Gaudium</i>	13
1.2 Temas chave para compreender a <i>Evangelii Gaudium</i>	14
1.3 O tema da Alegria.....	17
1.4 “Igreja em Saída”.....	19
1.5 O início da Igreja em Saída.....	20
1.6 Exemplo Atual de Igreja em Saída.....	20
1.7 “Igreja em Saída” rumo aos pobres das periferias existenciais.....	21
1.8 “Igreja em Saída” e a opção preferencial pelos pobres.....	22
CAPÍTULO II: Diaconato Permanente.....	24
2 Diaconato Permanente na Vida e na Missão da Igreja.....	24
2.1 Aspectos Históricos.....	24
2.2 O que significa o Diaconato Permanente.....	25
2.3 Quem deve ser aceito no Diaconato?.....	27
2.4 Exigência na Formação.....	29
2.5 A Tríplice Missão do Diácono Permanente.....	35
2.6 Diaconia da Caridade.....	36
2.7 Diaconia da Liturgia.....	41
2.8 Diaconia da Palavra.....	42
Capítulo III: “Não amemos com palavras, mas com obras”.....	45
3.1 A pobreza como um desafio social e eclesial.....	45
3.1.1 Sinais da pobreza no Brasil.....	45
3.1.2 - Desafio social e eclesial.....	46
3.2 O Agir da Misericórdia para a construção do Reino de Deus.....	48
3.2.1 População em situação de Rua.....	49
3.2.2 Casa Vida – Espaço de Afetividade e Ternura.....	54
3.2.3 Pastoral Carcerária.....	56
3.2.4 Pastoral da Esperança.....	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS.....	63

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema principal a “Igreja em Saída”, proposta pelo Papa Francisco na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, a Alegria do Evangelho, associada à missão caritativa do Diaconato Permanente.

Nossa motivação com o tema tem como origem a pessoa do Papa Francisco que ao ser eleito Papa em 13 de março de 2013, adotou o nome de Francisco, lembrando São Francisco de Assis, o santo pobre e dos pobres, fazendo referência à sua simplicidade e dedicação aos pobres.

Logo no início de seu pontificado o Papa Francisco escreve sua primeira Exortação Apostólica “*Evangelii Gaudium*”, um conteúdo riquíssimo, que aborda os principais temas da Igreja em seu processo de evangelização, salientando que “Jesus quer evangelizadores que anunciem a Boa Nova, não só com palavras, mas, sobretudo com uma vida transfigurada pela presença de Deus” (EG 259). Dessa forma é missão da Igreja, a exemplo de Jesus Cristo, promover a justiça, a solidariedade, o diálogo e amor aos pobres, no processo de construção do Reino de Deus aqui e agora.

Em profunda consonância com as palavras do Papa Francisco, este trabalho tem como objetivo, apresentar propostas para uma Igreja em Saída que vá de encontro aos pobres e mais necessitados, tarefa de todos os batizados, confiada de uma forma muito especial no clero aos diáconos permanentes, conjugando as dimensões da liturgia, da palavra e da caridade, conforme orientações da CNBB nas diretrizes para o Diaconato Permanente no Brasil.

O primeiro capítulo aborda a *Evangelii Gaudium*, destacando a alegria como tema principal no processo de evangelização; a Igreja em Saída como proposta de uma Igreja em processo permanente de missão: “[...], prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças”. (EG 49); e a Igreja em Saída tendo como referencial a opção preferencial pelos pobres.

O segundo capítulo fala da instituição do Diaconato Permanente, dando ênfase à aspectos relacionados à sua história, constituição, formação, realçando a tríplice missão do diácono permanente: a diaconia da caridade, da liturgia e da palavra, que interligadas, formam a essência da missão do diácono: ser portador e anunciar a boa nova; servidor; e acolhedor dos mais pobres, assim como foi Jesus Cristo.

Já o terceiro e último capítulo quer dar referencias e modelos de pessoas que nos dias de hoje, conseguem abraçar a palavra de Deus e transformá-la em gestos e

atitudes de alegria e esperança a quem mais necessita: os pobres e oprimidos deste mundo. Missão delegada na Igreja a todos os batizados, porém de uma forma especial aos diáconos. Assim, serão apresentadas algumas áreas de trabalho pertinentes ao diaconato, tais como: pastoral de rua, pastoral carcerária, pastoral da esperança.

CAPÍTULO I: Refletindo sobre a evangelização

Este capítulo apresenta, de forma breve, uma reflexão sobre a Exortação Apostólica *Evangelli Gaudium*, destacando a preocupação com os mais pobres no movimento de saída da Igreja, impulsionado pelo Papa Francisco.

A Exortação Apostólica *Evangelli Gaudium* (EG), escrita pelo Papa Francisco motiva a ação missionária da Igreja a iniciar uma nova etapa no processo de evangelização como projeto pastoral de seu pontificado. Esse processo iniciou-se com o Concílio Ecumênico Vaticano II que aconteceu de 1962 a 1965.

Geralmente os papas têm escolhido a forma solene de uma Encíclica para apresentar o projeto pastoral do seu pontificado. Como exemplo temos o papa Bento XVI que expôs as linhas principais de seu pontificado na Encíclica *Deus Caritas Est* em 2009. Papa Francisco não escolheu uma forma solene para apresentar o projeto pastoral de seu pontificado. Escolheu a modalidade mais pastoral do que doutrina: a Exortação Apostólica, com o título *Alegria do Evangelho*.

Nesta Exortação o Papa Francisco convida cada cristão em particular, e toda a Igreja a se encontrarem pessoalmente com Jesus Cristo, a renovarem o amor a Ele e, assim, a redescobrirem a alegria do Evangelho. Devemos então aceitar que a necessidade de evangelização não existe unicamente em outros lugares, muito longe de nós, mas que também afeta todas as Igrejas particulares, em todos os países, consequentemente a cada um de nós cristãos e católicos praticantes.

1.1 Aspectos teológicos da *Evangelli Gaudium*

No dia 24 de novembro de 2013, data do encerramento do ano da fé, foi publicada a Exortação Apostólica *Evangelli Gaudium* (EG), sendo o documento que contém o projeto pastoral do Papa Francisco. A Exortação contempla a visão atual de Igreja do Papa à luz do Sínodo de 2012 (cf. EG 16). Tem por base doutrinária a Constituição dogmática *Lumen Gentium* (cf. EG 17), sendo que todo o seu fundamento e coração está no Documento de Aparecida.¹

“Com o que se tem denominado estilo pastoral da Exortação, uma espécie de conversa entre o pai e os filhos”², este texto teológico tem a tônica na alegria

¹ “Não se pode separar o autor da Exortação de sua história de vida, e nesta história, não se pode deixar de lado a Conferência de Aparecida. [,,] Se quisermos entender o Papa Francisco, precisamos olhar para o Documento de Aparecida. Se quisermos ampliar os horizontes de Aparecida, podemos olhar para a *Evangelli Gaudium* e, com ela, para os demais escritos e atitudes de Papa Francisco. “AMADO, Joel Portella. *Evangelli Gaudium*: alguns aspectos para a sua leitura in AMADO, Joel Portella. *Evangelli Gaudium* em questão p.29

² AMADO, José Portella. *Evangelli Gaudium*: alguns aspectos para a sua leitura in AMADO, Joel Portella. *Evangelli Gaudium* em questão p.27

provocada pelo encontro com Jesus Cristo, a qual deve ser testemunhada e anunciada a todos, A Exortação apresenta a “cultura do encontro” como antídoto para superar a “autorreferencialidade”, que é uma característica típica de uma cultura de exclusão. Tem em Deus aquele que “primeireia”, ou seja, que se antecipa para oferecer o seu amor, a sua misericórdia, querendo estar presente no caminho.

1.2 Temas chave para compreender a *Evangelii Gaudium*

Podemos afirmar que existem três temas-chave para se compreender a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, importantíssimos ao Papa Francisco. O primeiro tema é o encontro, onde vemos que a alegria provocada naqueles que querem encontrar-se com Jesus Cristo revela um dinamismo presente no Evangelho. Esse encontro com o amor de Deus, através do seguimento do Filho, transforma a vida dos que se deixam tocar por Jesus movendo-os na direção dos outros. O segundo tema é primeirear, ou seja, é Deus que vem primeiro ao nosso encontro motivando-nos a ir ao encontro dos outros; e o terceiro tema é a autorreferencialidade, que irá fazer uma crítica do curvar-se sobre si mesmo.

a) A cultura do Encontro

Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* o Papa convida cada pessoa a sair de si para um encontro amoroso com Jesus que nos enche de alegria (cf. EG 1). O amor de Deus nos humaniza e tira-nos da nossa autorreferencialidade (cf. EG 8). Esta alegria “exige um coração aberto para Deus, o encontro sempre renovado com Jesus e, por esse mesmo fato, o coração aberto para o próximo, onde Jesus é de modo especial encontrado”.³ Na alegria que brota do Evangelho, que é a Palavra inspirada por Deus, existe todo um dinamismo, uma força invisível que age, contagia e compromete àqueles que se deixam encontrar por ela.

O encontro com o Evangelho transforma e move as pessoas em direção aos outros (cf. EG 177). Quem se deixa encontrar pelo Evangelho, assume como próprio, o mesmo dinamismo de Jesus. Ele foi ao encontro das pessoas e Se fez pessoa de encontro, assumindo as diversas realidades como próprias; fazia-Se próximo de quem Lhe era próximo, pois entendia que em cada pessoa estava a extensão do amor de Deus. Assim, quem anuncia o Evangelho assume:

[...], o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com os seus sofrimentos e suas reivindicações, com a sua alegria contagiosa permanecendo lado a lado. A verdadeira fé no Filho de Deus feito

³ LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. A alegria na *Evangelii Gaudium*: aspectos relevantes na teologia do Antigo e Novo Testamento in AMADO, Joel Portela. *Evangelii Gaudium* em questão, p. 60.

carne é inseparável do dom de si mesmo, da pertença à comunidade, do serviço, da reconciliação com a carne dos outros. Na sua encarnação, o Filho de Deus convidou-nos à revolução da ternura. (EG 88)⁴

O Papa afirma que o agir de Jesus é respaldado pela profunda comunhão que existia entre Ele e o Pai. Ele é referência para o agir daqueles que procuram segui-Lo. Inspirado em tal pensamento afirma que somente por meio de longos momentos de encontro com Jesus na oração, meditação da Palavra, diálogo, adoração (cf. EG 262) é possível apropriar-se do seu Espírito a fim de descobrir sua Presença no rosto dos outros e assumir o risco de abraçar Jesus crucificado nos crucificados da história (cf. EG 91). Esta opção deve encher-nos de alegria e dar-nos uma identidade (cf. EG 269), pois no pensar do Papa, somente o “encontro pessoal com o amor de Jesus é que nos salva” (EG 264)

b) Primeirear

Primeirear é um neologismo usado pelo Papa Francisco. A sua origem provém da “linguagem futebolística portenha. Expressa a ação de chegar antes, adiantar-se ao outro ou tomar a iniciativa”.⁵ O contrário também vale, ou seja, não ficar esperando, acomodando-se, compartilhando duma lógica de “sempre foi assim”, “é melhor deixar como está” e, conseqüentemente, não se colocar em processo de saída, de ir ao encontro, de oferecer a graça, de antecipar-se, de fazer algo em prol dos outros, e, porque não dizer, ter medo de abrir-se ao novo.

Este conceito parte do princípio de que Deus sempre se antecipa, ou no dizer do Papa Francisco, experimentar que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-nos no amor (cf. EG 24). Esta atitude de Deus expressa o quanto Ele nos ama. Tal qual o Pai misericordioso que espera o filho de braços abertos. Deus sempre se faz próximo, nos acolhe nas nossas fragilidades, remedia as nossas feridas e consegue ser capaz de nos colocar de volta no caminho certo.

Neste sentido, somos todos convidados a primeirear, pois todos nós, batizados e batizadas, devemos sair de nossas zonas de conforto, e tomar a iniciativa e agir de modo semelhante ao nosso Deus que nos amou primeiro. “Tomar a iniciativa significa

⁴ FRANCISCO, Papa. Encíclica EVANGELII GAUDIUM. São Paulo: Paulus, 2019, p. 55-56

⁵ LANGER, André. Bergolismo: o léxico do Papa que surpreende a todos. O texto está publicado em <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/526772-gergolismo-o-lexico-do-papa-que-surpreende-a-todos>

reconhecer, proclamar e colaborar, para que sejam cada vez mais implementados, os valores que o Papa Francisco se refere na EG: justiça, solidariedade e bem comum”⁶.

O Papa Francisco ressalta bem a necessidade do primeirear através da EG 53:

Assim como o mandamento “não matar” põe um limite claro para assegurar o valor da vida humana, assim também hoje devemos dizer “não a uma economia de exclusão e de desigualdade social”. Essa economia mata. Não é possível que a morte por enregelamento de um idoso sem abrigo não seja notícia, enquanto o é a descida de dois pontos na Bolsa de Valores. Isso é exclusão. Não se pode tolerar mais o fato de se jogar comida no lixo, quando há pessoas que passam fome. Isso é desigualdade social. Hoje, tudo entra no jogo da competitividade e da lei do mais forte, onde o poderoso engole o mais fraco. Em consequência dessa situação, grandes massas da população veem-se excluídas e marginalizadas: sem trabalho, sem perspectivas, num beco sem saída. O ser humano é considerado, em si mesmo, como um bem de consumo que se pode usar e depois jogar fora. Assim, teve início a cultura do “descartável”, que aliás chega a ser promovida. Já não se trata simplesmente do fenômeno de exploração e opressão, mas de uma realidade nova: com a exclusão, fere-se, na própria raiz, a pertença à sociedade onde se vive, pois quem vive nas favelas, na periferia ou sem poder já não está nela, mas fora. Os excluídos não são “explorados”, mas resíduos, “sobras”.⁷

c) A autorreferencialidade

O conceito de autorreferencialidade é chave para se entender a *Evangelii Gaudium*. Ele é utilizado tanto para se referir à atitude pessoal de viver no egoísmo, no fechamento sobre si mesmo, sem preocupar-se com os outros (cf. EG 67); como também a um modo de viver e agir na Igreja, sintetizadas em expressões como “autopreservação” (cf. EG 27), “fez-se sempre assim” (cf. EG 33). Por isso, o Papa Francisco nos convida para “passar de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral missionária” (cf. EG 15) e a partir de Jesus Cristo ser capaz de romper com os esquemas enfadonhos no qual pretendemos aprisioná-Lo (cf. EG 11).

Ligado ao tema da autorreferencialidade está a crítica a toda uma cultura que se preocupa demasiadamente consigo mesma e que não consegue olhar para os outros como sendo iguais, com a mesma dignidade e origem. No número 2 da *Evangelii Gaudium* o Papa afirma: “Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor, nem fervilha o entusiasmo de fazer o bem”.

⁶ AMADO, José Portella. *Evangelii Gaudium: algumas interpelações da Evangelii Gaudium*: Cardeal Orani João Tempesta, p. 16

⁷ FRANCISCO, Papa, 2019, p. 36-37

O convite feito pelo Papa na Exortação, é que o Evangelho transforme a vida das pessoas. Na palavra há uma força que nos impulsiona para sair do lugar onde estamos, a autorreferencialidade, para ir ao encontro e/ou deixar-se encontrar. Esta atitude é da natureza do ser humano, ou seja, ser pessoa de encontro. A pessoa é vocacionada para a comunhão, pois foi gerada no amor de Deus, no dizer de Francisco:

Somente graças a este encontro – ou reencontro – com o amor de Deus, que se converte em amizade feliz, é que somos resgatados da nossa consciência isolada e da autorreferencialidade. Chegamos a ser plenamente humanos, quando somos mais do que humanos, quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro. (EG 8)⁸

No pensamento do Papa Francisco percebe-se toda uma preocupação diante de uma cultura individualista. Deseja que as pessoas alcancem um pensamento mais humano, mais nobre e mais fecundo, menos indiferente e egoísta (cf. EG 208).

1.3 O tema da Alegria

A alegria que é abordada na Exortação Apostólica do Papa Francisco é uma alegria profunda, que é possível até mesmo nos momentos de sofrimento, pois refere-se à alegria que vem da certeza de que somos amados por Deus e que seu amor é mais forte do que o sofrimento, que a morte. Portanto, trata-se da alegria do Amor que perdoa e salva, pois “Deus nunca se cansa de perdoar, somos nós que nos cansamos de pedir a sua misericórdia” (cf. EG n.3).

Essa alegria está presente no Evangelho de Lucas, com a saudação do anjo a Maria: “Alegra-te” (Lc1,28), e continua na alegria de Isabel pela visita de Maria, que responde com o Magnificat: “o meu espírito se alegra em Deus meu Salvador” (Lc1,47). Maria e Isabel, ambas repletas de alegria, celebram a vida, exultantes no Espírito.

O fundamento da alegria cristã é a certeza da presença de Deus no meio de nós., pois Jesus Cristo, como Senhor ressuscitado, entrou na história para suscitar na humanidade esperança na salvação. Isso nos enche de profunda alegria.

A EG fala muito mais da alegria do que da cruz. porém, não se trata de um esquecimento ou de uma Páscoa sem Quaresma (cf. EG 6), mas sim de uma alegria que contagia, e torna-se o combustível que move e alimenta os discípulos

⁸ FRANCISCO, Papa, 2019, p. 9

missionários nas suas dimensões pastorais e vivenciais: na dimensão espiritual, diaconal e litúrgica.

Grande foi a alegria para os apóstolos como está escrito em Lucas, 10,17-20:

Os setenta e dois voltaram com alegria, dizendo: “Senhor, até os demônios se nos submetem em teu nome!”. Ele lhes disse: “Eu vi Satanás cair do céu como um relâmpago! Eis que vos dei o poder de pisar serpentes, escorpiões e todo o poder do inimigo, e nada poderá vos causar dano. Contudo, não vos alegreis porque os espíritos se vos submetem; alegrai-vos, antes, porque vossos nomes estão escritos nos céus.⁹

A perícopre descrita acima mostra como os discípulos voltaram alegres e impressionados porque conseguiram até expulsar demônios em nome de Jesus, mas a alegria do discípulo missionário é maior porque sente que a Palavra foi anunciada e está frutificando. Essa alegria é o impulso do discípulo missionário para o desejo de caminhar sempre mais além, levando no coração esse sentimento de gratidão e alegria, pois a caminhada do discípulo missionário faz bem e alegra não somente o outro, mas em primeiro lugar a si mesmo.

Já o Documento de Aparecida no seu número 29, exprime com muita propriedade a alegria de sermos discípulos missionários de Jesus Cristo:

Desejamos que a alegria que recebemos no encontro com Jesus Cristo, a quem reconhecemos como o Filho de Deus encarnado e redentor, chegue a todos os homens e mulheres feridos pelas adversidades; desejamos que a alegria da boa nova do Reino de Deus, de Jesus Cristo vencedor do pecado e da morte, chegue a todos quantos jazem à beira do caminho, pedindo esmola e compaixão (cf. Lc 10,29-37; 18,25-43). A alegria do discípulo é antídoto frente a um mundo atemorizado pelo futuro e oprimido pela violência e pelo ódio. A alegria do discípulo não é um sentimento de bem-estar egoísta, mas uma certeza que brota da fé, que serena o coração e capacita para anunciar a boa nova do amor de Deus. Conhecer a Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas, e fazê-lo conhecido com nossa palavra e obras é nossa alegria.¹⁰

Neste sentido, o Papa Francisco alerta na EG 10, que o discípulo missionário deve evangelizar com alegria e fervor, deixando transparecer a alegria de ter recebido e agora transmitir a palavra de Deus:

[...], um evangelizador não deveria ter constantemente uma cara de funeral. Recuperemos e aumentemos o fervor de espírito, “a suave e reconfortante alegria de evangelizar, mesmo quando for preciso semear com lágrimas! [...] E que o mundo do nosso tempo, que procura ora na angústia ora com esperança,

⁹ BIBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002. Desta fonte poderão ser verificadas todas as ocorrências bíblicas.

¹⁰ CELAM. Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Edições CNBB, Paulus, Paulinas, 2008, p. 29.

possa receber a Boa Nova dos lábios, não de evangelizadores tristes e desalentados, impacientes ou ansiosos, mas sim de ministros do Evangelho cuja vida irradie fervor, pois foram quem recebeu primeiro em si a alegria de Cristo”.¹¹

Talvez por isso, o Papa Francisco termine a introdução da Exortação Apostólica com Filipenses 4,4: “Alegrai-vos sempre no Senhor! Repito. Alegrai-vos” (FI 4,4).

1.4 “Igreja em Saída”

O termo “Igreja em Saída” utilizado frequentemente pelo Papa Francisco na EG, apresenta-se como uma possibilidade de um novo agir pastoral de encontro e proximidade entre o Povo de Deus e a sua estrutura hierárquica. A conversão permanente é a vocação da própria Igreja, que, sendo fiel ao seu espírito missionário deve reformar as suas estruturas conforme as exigências da conversão pastoral.

Francisco retoma as intenções pastorais do Vaticano II, alicerçadas no método indutivo da *Gaudium et Spes* e abre novos horizontes para a Igreja. É neste contexto que verificamos que o conceito de “Igreja em Saída” substitui o paradigma da “Nova Evangelização”, apresentado no Sínodo dos Bispos de 2012. A EG foi muito além do referido Sínodo e apresenta uma nova concepção de evangelização focada nos sujeitos da ação pastoral. Para o Papa, a nova evangelização tem de responsabilizar cada um dos batizados que devem se sentir como “discípulos missionários” integrados numa “comunidade missionária”. É a partir desta concepção que define a “transformação missionária da Igreja” como o lugar da “Igreja em saída”, onde todo o povo de Deus aparece como sujeito da ação missionária, devendo efetuar o anúncio evangélico através da sua vida pessoal e comunitária.

O paradigma da “Igreja em Saída” exige não só um êxodo geográfico, mas também ideológico, cultural e histórico. Ao sair de suas próprias seguranças é que a Igreja conseguirá recuperar a capacidade de discernir os novos tempos.

A “Igreja em Saída” assume-se hodiernamente como um imperativo, que no intento do Papa deve levar a Igreja a ser como que um “hospital de campanha”, ou seja, uma Igreja que sai ao encontro dos enfermos, da “ovelha perdida”. Isto, porque, a “Igreja em Saída” é também ela enferma, arcada pela fragilidade dos fiéis ao longo dos séculos, por concepções teológicas e pastorais, próprias de cada tempo, que nem sempre foram reveladoras do verdadeiro espírito evangélico. Portanto, a Igreja é também um lugar de contínua conversão.

¹¹ FRANCISCO, Papa, 2019, p.10

Só assim é que ela pode ir ao encontro dos enfermos e ajudar a ser no mundo sinal de estímulo e conversão verdadeira.

1.5 O início da Igreja em Saída

O dinamismo “de saída” aparece constantemente na Bíblia, desde Abraão, Moisés até o Novo Testamento.

A partir do Antigo Testamento, Deus enviou Abraão quando lhe diz: “Deixa o teu país, tua parentela e a casa de teu pai e vai para o país que te mostrarei” (Gn12,1). Já no livro do Êxodo, Moisés ouviu o chamado: “Vai! Eu te envio” (Ex,3,10). Esse processo de saída também foi experimentado pelo povo de Israel, que saiu do Egito, da terra da escravidão, guiado por Moisés, à procura da Terra Prometida, onde há vida e liberdade, onde corre leite e mel (Ez 13,2 s) Deus convocou também os profetas, assim como está em Ezequiel: “Filho do homem, Eu te envio aos filhos de Israel” (Ez2,3) e a Jeremias: “Irás aonde eu te enviar” (Jr 1,7).

No Novo Testamento, Jesus escolheu 12 apóstolos e os enviou para pregar (Lc 6:12-13). Já em Lc 10, 1-9, Jesus enviou 72 discípulos em missão, e eles partiram dois a dois. Inicialmente, Jesus enviou 12 pessoas, aludindo ao povo de Deus, o povo das 12 tribos. O simbolismo do envio de 72 pessoas está centrado nas nações do mundo descritas em Gênesis. Como o número de nações é 72, essa escolha pode significar tocar o mandato de todos os povos. Este é também o início da "igreja em saída" no Novo Testamento.

São muitos os desafios, chamados, incumbências que levam a deixar o conforto e ter a coragem de chegar a todas as periferias onde é necessária a luz do Evangelho (cf. EG n.20). Uma "igreja em saída" é uma comunidade de discípulos missionários que tomam iniciativa, participam, acompanham, resultam e celebram (cf. EG n.24).

1.6 Exemplo Atual de Igreja em Saída

A agência de notícias católicas Gaudium Press publicou uma mensagem no dia 27/02/2022, informando que em função da recente guerra entre a União Soviética e a Ucrânia, o Arcebispo ucraniano Sviatoslav Shevchuk iria celebrar a Santa Missa, chamada de Divina Liturgia, nos abrigos antiaéreos de Kiev, uma vez que o povo não podia se deslocar à igreja, devido ao toque de recolher imposto pelo governo: “Assim,

nesse caso, a Igreja irá ao povo. Nossos sacerdotes descerão ao subterrâneo, descerão aos abrigos antiaéreos e lá celebrarão a Divina Liturgia”.¹²

Ao conchamar o povo ucraniano, para que se confessem e recebam a comunhão em oferecimento pelos soldados, feridos, desanimados e refugiados, o Arcebispo deixou uma mensagem de esperança: “A Igreja está com seu povo! A Igreja de Cristo leva o Salvador Eucarístico àqueles que estão passando por momentos críticos em sua vida, que precisam de força e da esperança da ressurreição”¹³

Um exemplo raro, triste e ao mesmo tempo de uma profunda solidariedade e aproximação da Igreja em saída com seu povo, que vai de encontro às palavras do Papa Francisco: “[...], prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças”. (EG 49)¹⁴

1.7 “Igreja em Saída” rumo aos pobres das periferias existenciais

A “Igreja em Saída” é uma Igreja que abre suas portas, indo em direção aos outros, para chegar inclusive aos lugares mais afastados, onde encontra-se a população mais carente.

Conforme salienta o Papa, os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho e a evangelização dirigida a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer.

Como está explícito na EG 52, a Igreja está diante de alguns desafios que a própria sociedade nos apresenta, tais como uma “economia que mata”, uma “cultura do descartável”, a “idolatria do dinheiro”, “desigualdade social” e alguns “desafios culturais”. Diante disso, a Igreja deve ser uma Igreja de inclusão, uma igreja em saída ao encontro dos pobres, excluídos, marginalizados. Porque uma Igreja em saída é uma Igreja que sai em direção aos outros com as portas abertas. Sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas (cf. EG 46).

A sensibilidade do Papa Francisco é a centralidade dos pobres, sem qualificações. Sem eles, transformamo-nos em “pessoas ressentidas, queixosas, sem vida” (cf. EG 2). Ainda mais: “Há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres. Não os deixemos jamais sozinhos!” (EG 48).

¹² Disponível em: <https://gaudiumpress.org/content/arcebispo-ucraniano-santa-missa-sera-celebrada-nos-abrigos-antiaereos/> acessado em 05/03/2022

¹³ Idem gaudiumpress.org

¹⁴ FRANCISCO, Papa, 2019, p. 33

Nunca podemos “decidir como se os pobres não existissem” (EG 80). A caridade faz com que os pobres se sintam, em cada comunidade cristã, como em casa (cf. EG 199) “A Igreja é chamada a ser sempre a casa aberta do Pai. Um dos sinais concretos desta abertura é ter, por todo o lado, igrejas com as portas abertas (...) A Igreja não é uma alfândega, é a casa paterna, onde há lugar para todos com a sua vida fatigante” (cf. EG, 47). É preciso ler a realidade com outra visão, a partir de Deus.

1.8 “Igreja em Saída” e a opção preferencial pelos pobres

O Documento de Aparecida (DAp) deixa claro: “A tarefa essencial da evangelização inclui a opção preferencial pelos pobres, a promoção humana integral e a autêntica libertação cristã” (DAp 146), sem os quais “não é possível uma ordem justa na sociedade” (DAp 3).

A evangélica opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica como explicita os números 392 e 393 do DAp:

Nossa fé proclama que Jesus Cristo é o rosto humano de Deus e o rosto divino do homem. Por isso, “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza” (Bento XVI). Essa opção nasce de nossa fé em Jesus Cristo, o Deus feito homem, que se fez nosso irmão. (cf. Hb 2,1-12) Opção, no entanto, não exclusiva, nem excludente (DAp 392).¹⁵

Sendo que essa opção está implícita na fé cristológica, os cristãos, como discípulos e missionários, são chamados a contemplar nos rostos sofredores de seus irmãos, o rosto de Cristo que nos chama a servi-lo: “Os rostos sofredores dos pobres são rostos sofredores de Cristo”. Eles desafiam o núcleo do trabalho da Igreja, da pastoral e de nossas atitudes cristãs. Tudo o que tenha relação com Cristo tem relação com os pobres, e tudo o que está relacionado com os pobres clama por Jesus Cristo: “Tudo quanto vocês fizeram a um destes meus irmãos menores, o fizeram a mim” (Mt 25,40). João Paulo II destacou que este texto bíblico “ilumina o mistério de Cristo”. Porque em Cristo o grande se fez pequeno, o forte se fez fraco, o rico se fez pobre (DAp 393).¹⁶

Na *Evangelii Gaudium* o Papa Francisco põe no centro do seu ministério pastoral, o desafio de uma “Igreja pobre e para os pobres”, sendo necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles (cf. EG 198).

Ivo Storniolo comenta em seu livro¹⁷, que o Evangelista Lucas tem uma grande preocupação social, sendo que sua preferência está sempre do lado dos pobres, dos

¹⁵ CELAM. Documento de Aparecida, 2008, p. 177

¹⁶ CELAM. Documento de Aparecida, 2008, p. 178

¹⁷ Storniolo, Ivo, como ler o Evangelho de Lucas, São Paulo: Paulus, 1992, p. 10

humildes e dos pequenos. Lucas enfatiza que Jesus veio para eles, para restituir a justiça e a libertação, para que possam construir uma nova sociedade e uma nova história, onde todos tenham acesso à liberdade e à vida.

No primeiro capítulo de seu Evangelho, Lucas descreve a perícopé da visita de Maria à sua prima Isabel (Lc 1,46-55), na qual Maria recita o hino do Magnificat. Os temas presentes são diversos, já destacamos o tema da alegria, porém, merece grande destaque também o “tema da libertação messiânica que alcança as pessoas menos favorecidas e faz justiça aos pobres da terra, despedindo os déspotas de mãos vazias” [...], Maria é o símbolo da Igreja dos pobres e dos justos tripudiados pelos ricos opressores”.¹⁸ No Magnificat, cantado por Maria, Deus assume o partido dos pobres, invertendo a ordem social: os ricos e poderosos são depostos e os pobres e oprimidos são libertos, escrevendo uma nova história.

A reflexão aqui proposta, em torno da *Evangelii Gaudium*, teve por objetivo destacar aspectos que se relacionam diretamente com o serviço da Igreja, especialmente do Ministério Diaconal, que serão abordados no capítulo seguinte.

¹⁸ MAZZAROLO, I. As raízes do louvor no Magnificat (Lc 1,46-55). *Estudos Bíblicos*, São Paulo, v. 36, n. 141, p. 72–82, 2021. Disponível em: <https://revista.abib.org.br/EB/article/view/33>. Acesso em: 5 mar. 2022.

CAPÍTULO II: Diaconato Permanente

2 Diaconato Permanente na Vida e na Missão da Igreja

Este capítulo, de caráter teórico, visa apresentar uma reflexão teológico-canônica do Diaconato Permanente, tendo como destaque sua tríplice diaconia.

2.1 Aspectos Históricos

O diaconato permanente tem a sua origem no início da Igreja primitiva, com o crescimento expressivo da Igreja de Jerusalém, sendo estabelecido pelos apóstolos para viabilizar as tarefas por eles realizadas. Desse modo, os diáconos surgem cuidando das atividades caritativas e administrativas da Igreja já no seu início (cf. At, 6,1), quando trata da queixa dos gregos contra os judeus, que estavam negligenciando o atendimento diário às suas viúvas. Todos participam da busca de solução para esses problemas (cf. At, 6, 2). Os apóstolos tomaram consciência de que não podiam fazer tudo sozinhos e que era necessário, portanto, partilhar as responsabilidades. Neste momento surge a proposta de escolher sete homens de boa fama, repletos de sabedoria, e assim, foram escolhidos os sete diáconos que, em vista disto, agradaram a todos com essa decisão. Com o tempo os diáconos assumiram outras responsabilidades na Igreja. Aqui se trata de uma tradição, que se consolidou na vida da Igreja e se encontra claro em Atos dos Apóstolos (6,1-6). Também São Paulo faz menção na carta aos filipenses (cf. 1Tm, 3, 8-13), e ainda, afirma-se:

“Naqueles dias, aumentando o número dos discípulos, surgiram murmurações dos helenistas contra os hebreus. Isso porque diziam aqueles, suas viúvas eram esquecidas na distribuição diária. Os Doze convocaram então a multidão dos discípulos e disseram: “Não é conveniente que abandonemos a palavra de Deus para servir às mesas. Procurai, antes, entre vós, irmãos, sete homens de boa reputação, repletos do Espírito e de sabedoria, e nós os encarregaremos dessa tarefa. Quanto a nós, permanecemos assíduos à oração e ao ministério da palavra”. A proposta agradou a toda a multidão. E escolheram Estevão, um homem cheio de fé e do Espírito Santo, Felipe, Prócoro, Nicanor, Timon, Pármenas e Nicolau, prosélito de Antioquia. Apresentaram-nos aos apóstolos e, tendo orado impuseram-lhes as mãos” (At, 6, 1-6).

Percebe-se que este é o modo de se confirmar que foram escolhidos os primeiros diáconos, embora ainda não aparecesse a palavra “diáconos”, vemos que as funções exercidas por eles os simbolizam. As comunidades de Jerusalém haviam crescido muito, e era expressivo o número dos seus adeptos naquele momento, surge

então a dificuldade de se colocar tudo em comum como era o propósito da primeira comunidade (cf. At, 2, 42-47; 4, 32-37; 5, 12-16). O problema aparente daquela comunidade foi de ter deixado de lado o atendimento diário às viúvas (cf. At, 6, 1). A queixa dos de origem grega é levada à assembleia geral e todos participam na busca de encontrar uma solução daqueles problemas ali apresentados (cf. At, 6, 2).

2.2 O que significa o Diaconato Permanente

É importante ter clareza do que significa o diaconato permanente, pois isso é fundamental para a compreensão da essência do termo. O diácono permanente não é um leigo que, na Igreja, não recebeu as ordens sacras, embora pareça ser. Também não é um presbítero, como quem também parece ser. Não é, ainda, um leigo transformado em um “sacristão de primeira” ou “um padre de segunda”. Não se trata de um substituto do presbítero, não é um “mini padre” nem um sacristão com o privilégio ou um leigo promovido. O diácono não substitui ninguém. Não é um quase padre ou muito menos um fiel leigo com poderes especiais. A ordenação do diácono não é um prêmio por merecimento adquirido por trabalhos realizados ou por benemerências.

O seu serviço não é funcional, transitório ocasional, ou quase um acessório dispensável, os diáconos não vêm dispensar outros possíveis ministérios leigos, pelo contrário, vêm incentivar uma participação mais generosa, responsável e ativa de todos os fiéis dentro da comunidade eclesial. Também as comunidades a espera de sacerdotes, que receberão a preciosa colaboração de um diácono permanente, não devem criar confusão quanto ao papel central do sacerdote e a dimensão sacramental na vida da igreja. Ressalta-se ainda, a importância de viver em comunidades reunidas para a liturgia de todos os domingos, na função de um guia, de um diácono ou de um responsável a quem foi regularmente confiado esse ministério e foi dado pela autoridade competente que é o bispo, mas, isso jamais deve ofuscar o ministério insubstituível dos sacerdotes na vida da Igreja (cf. ORILOLO, 2018, p.23).

Por isso, devemos estar atentos sobre as assembleias à espera do sacerdote para que não deem lugar às visões eclesiológicas incompatíveis com a verdade do evangelho e com a tradição da Igreja; deve antes tornar-se ocasiões privilegiadas de oração a Deus para que mande sacerdotes santos segundo o seu coração. Pois, os diáconos são sinal pessoal de Cristo que é servo, que veio não para ser servido, mas para servir. O ministério ordenado da Igreja e então membro da hierarquia com o bispo e os presbíteros, ao receber o sacramento da ordem pela imposição das mãos, é

ordenado para, especificamente, o ministério de serviço que se expressa na diaconia. Para entender os termos teológicos, no que diz respeito à ordenação diaconal, a matéria é a imposição das mãos do bispo, as palavras da oração de ordenação constituem a forma pontual, a oração apresenta uma estrutura tripartida apresentando a epiclese e a intercessão (cf. ORIOLO, 2018, p.43).

A forma essencial do sacramento é a epiclese, que consiste nas palavras: “Nós vos suplicamos, senhor, infundir neles o Espírito Santo, para que fortaleça com os vossos sete dons da vossa graça, a fim de que cumpram fielmente a obra do ministério”. Em virtude desta consagração, o diácono serve às mesas da palavra, da liturgia e da caridade, quanto aos diáconos a graça sacramental lhes dá a força necessária para servir o povo de Deus na diaconia da liturgia, da palavra e da caridade, em comunhão com o bispo e o seu presbítero (CIC,1992, p.435).

O diaconato permanente nos revela uma urgência de recolocar os funcionamentos de uma realidade interrompida. O novo modo de ser Igreja exige escuta palavra que chama todos a realizarem, no hoje da nossa história, a narrativa do amor de Deus com os homens. Todos nós estamos convocados bispo, padres diáconos e leigos a assumir a nossa condição de seguidores de Cristo Servo e abrir as portas do Reino à humanidade inteira. Lembremo-nos o testemunho de Santo Inácio de Antioquia na sua carta aos efésios (1,175-177), o texto é demasiadamente conhecido e aplicado na sua origem ao presbitério. como carta aplicável a toda à Igreja e aos demais ministérios. Pode se dizer que o diálogo é permanente e terá futuro se a Igreja não se esquecer da sua fonte trinitária e se estiver na escuta da palavra, para servir humildemente o homem (cf. GOEDERT, 2020, p.43).

O diácono permanente deve ter em consideração essa realidade na sua vida e no ministério. Deve conhecer a cultura, as aspirações e os problemas do seu tempo. Com efeito, ele é chamado nesse contexto a ser sinal vivo de Cristo Servo e, ao mesmo tempo, é chamado a assumir a missão da Igreja.

O diácono pode exercer seu Ministério em qualquer lugar do mundo, pois ele recebeu um sacramento válido, e a Igreja é uma, santa e católica, ou seja, ela é universal. No entanto, o diácono está intimamente ligado ao bispo diocesano, aquele a quem ele deve ter plena obediência. Ao prometer obediência ao bispo, o diácono¹⁹

¹⁹ GOEDERT, Valter Maurício. O diaconato permanente – Perspectivas teológico pastorais – São Paulo; Paulus 2 ed. – 2020, p.43

assume como modelo de obediência por excelência (Fl, 2,5-11), tomando-o como exemplo de obediência (Hb,10, 5; Jo, 4, 34) e é na disponibilidade radical.

O bispo pode colocá-lo como auxiliar de um pároco, contudo, ele tem a faculdade de auxiliar em outra paróquia, desde que disponha de tempo e tenha autorização do bispo. No decreto da atribuição do ofício, o bispo indica tarefas correspondentes às capacidades pessoais, às condições celibatárias e familiares, à formação, à idade e às aspirações reconhecidas como espiritualmente válidas do diácono. Define, também, o âmbito territorial ou as pessoas às quais será dirigido o serviço apostólico, determinando o ofício e se o tempo será pleno ou parcial. O âmbito do ofício da atuação dos diáconos permanentes vai dirigir-se não só às paróquias dominadas, mas também aos conjuntos de paróquias, aos vicariatos e à arquidiocese em geral, de modo a desenvolver a pastoral em conjunto. Enfim, chamados a serem homens de comunhão e de serviço, é fundamental a capacidade de realização dos outros. Isso exige que sejam afáveis, hospitaleiros, sinceros nas palavras e no coração, prudentes e discretos, generosos e disponíveis no serviço, capazes de se oferecerem pessoalmente e de suscitar em todos relações genuínas e fraternas. Devem estar sempre prontos a compreender, perdoar e consolar (cf. ORIOLO, 2018, p.50).

2.3 Quem deve ser aceito no Diaconato?

Para ingressar neste ministério, o candidato deve estar empenhado na vida da Igreja, inserido em uma paróquia, no movimento e ser chamado. Deve apresentar outras credenciais, como: ser bem aceito na comunidade, aceitar e respeitar os outros, ter habilidades acadêmicas que permitam acesso ao ensino superior, ter disposição para a formação requerida, coragem para o ministério exigente, ainda que confortante. Na data da ordenação, casados e viúvos deverão ter completado 35 anos; os solteiros, 25 anos. Para os candidatos casados é exigido o consentimento da esposa, estar em situação familiar, profissional e social regular e estável, pois o diácono se sustenta com o seu próprio trabalho. Solteiros e viúvos têm de apresentar disponibilidade para viver em generosidade e disciplina do celibato. O diácono que enviuvou deve se dispor a não se casar novamente.

O primeiro passo é manifestar disposição para o ministério junto ao pároco da paróquia onde estiver inserido, esse, por sua vez, fará chegar ao conhecimento do bispo tal desejo. Desde o primeiro passo é preciso muita generosidade, sabendo esperar, com paciência, a realização do aspirantado, pois a formação leva vários

anos. Não se pode esquecer que tudo passa pelo chamamento de Deus e que é preciso saber discernir. Na história de qualquer vocação cristã, há um diálogo maravilhoso entre Deus e o homem, entre o amor de Deus, que ama, e a liberdade do homem, que responde com dedicação, com amor. Contudo, há também outro elemento importante da vocação que, particularmente, envolve uma vocação ministerial: o chamado público da Igreja, simbolizado pela expressão *Vocari a Deo dicuntur qui a legitimis Ecclesiae ministris vocantur*, isto é, são considerados chamados por Deus os que são legítimos ministros da Igreja. A expressão é para ser entendida, sobretudo, em sentido sacramental, considerando o chamamento como sinal e instrumento da intervenção íntima de Deus naquele que age pela imposição das mãos.

Nessa perspectiva, toda eleição regular significa uma escolha de Deus. Se eu decido ser membro vocacionado da Igreja é, portanto, decisivo para a escolha da vocação conter verdadeiramente o seu significado especial, isto é ainda mais válido no caso da escolha de uma vocação ministerial (cf. ORIOLO, 2018, p.24). Desse modo, o candidato é escolhido entre aqueles que se sobressaem na comunidade diante de sua espiritualidade e engajamento na paróquia. A sua participação nas pastorais e movimentos dão a ele toda a força e apoio para que possa ser aceito entre os outros. Todavia, nada impede que alguém explicita ao pároco ou mesmo ao bispo diocesano sua vocação de servir a Igreja como ministro ordenado. De qualquer modo, a tradição da Igreja definiu os requisitos que regem a autoridade de um chamamento ao diaconato. Eles são os que valem para as ordens em geral: sejam promovidos às ordens só os que têm uma fé íntegra, que são movidos por uma intenção, possuidores de ciência de vida, que desfrutem de uma boa estima, que são providos dos interesses, dos costumes e de virtudes provadas e dotados de todas as outras qualidades psíquicas congruentes com a ordem que devem receber.

O diácono permanente pode e tem o direito de continuar a sua profissão ou de assumir outra atividade profissional compatível com o exercício das suas funções diaconais, estas têm um significado diverso da do fiel leigo. Os fiéis leigos, em virtude de sua missão específica, são “especialmente chamados a tornar a Igreja presente nas atividades locais e circunstâncias em que só por meio deles ela pode ser sal e luz da Terra”²⁰. Para os diáconos permanentes o trabalho permanece ligado ao ministério,

²⁰ *Lumen Gentium* nº 33

e a experiência do trabalho pode torná-lo ainda mais qualificado para exercícios de apanhados nas diversas realidades do campo do trabalho no mundo de hoje. Contudo, a atividade deve ser praticamente conciliável com os empenhos da formação de exercício efetivo do ministério e, segundo as normas da Igreja e os juízos prudentes do bispo, não incompatível com o estado diaconal (cf. ORIOLO, 2018, p.47).

Os bispos brasileiros recomendam que diante da realidade das comunidades do Brasil, não é oportuno que o diácono permanente seja agente nas campanhas eleitorais ou candidato a cargo eletivo. Cabe ao bispo diocesano determinar a eventual necessidade (cf. CNBB, 2012).

2.4 Exigência na Formação

A formação dos diáconos permanentes deve seguir rigorosamente todas as etapas, onde nenhuma deve ser transposta. O aspirantado é de grande importância para que o futuro candidato e a família possam ter uma noção correta das implicações práticas do ministério diaconal. O perfil do candidato precisa ter algumas qualidades humanas específicas e virtudes evangélicas que são exigidas pela diaconia. Nessas qualidades humanas, assinalam-se alguns pontos: maturidade psíquica, a capacidade de diálogo e de comunicação, o sentido de responsabilidade, e a diligência, o equilíbrio e a prudência. Dentre as virtudes evangélicas, tem particular importância a oração, a piedade, a eucaristia e a devoção Mariana, um sentido da igreja humilde e acentuada, o amor a Igreja e a sua missão, o espírito de pobreza, a capacidade de obediência de comunhão fraterna, o zelo apostólico e a disponibilidade de servir a caridade para com os irmãos (cf. PAULO VI, 1993). A formação pastoral teológica não pode ser menor do que é exigida pela Santa Sé. É preciso que seja exigido discernimento vocacional acompanhado do empenho do pároco e da comunidade de origem através da oração e outros tipos de apoio considerados oportunos.

O período em que os aspirantes passam a candidatos, durante o qual recebem os Ministérios laicais de leitor e acólito, requer um acompanhamento muito cuidadoso dos formadores, do pároco e do bispo, extensivo às esposas e aos filhos. A ordenação será cuidadosamente preparada nas comunidades de origem, mesmo que os futuros diáconos se destinem a outras comunidades ou serviços diocesanos. A formação teológico-pastoral dos diáconos permanentes deverá continuar, após a sua ordenação, por meio de retiro anual, participação em cursos, encontros, dias de espiritualidade e outras iniciativas oferecidas pela Igreja para a sua capacitação e atualização (cf. CNBB, 2012).

O diácono permanente se for casado será preciso considerar o aspecto ligado ao que se refere tanto ao diácono quanto a sua família. Primeiramente é preciso que a resposta à vocação pessoal e ao relativo chamado da Igreja na pessoa do próprio bispo seja fruto do sentimento espiritual no âmbito da família, em segundo lugar, que o diácono exerça sua missão com grande equilíbrio, sem subtrair da família nada de devido à presença afetiva e a prática. O consentimento da esposa é expressamente exigido para a ordenação diaconal, como também deve ser estimulado o apoio dos filhos e demais familiares. O diácono permanente deve ter uma vida exemplar de esposo e de pai não só para além da estabilidade da vida familiar.

O diácono permanente também vive uma dupla sacramentalidade: a do matrimônio e a da Ordem²¹, uma não elimina a outra. Portanto, o ministério diaconal deve ser exercido no respeito aos compromissos matrimoniais, sem prejuízos para a vida conjugal e familiar do diácono permanente.²²

Geralmente, o diácono além de nada receber, presta sua ajuda caridosa à paróquia onde presta os seus serviços. A estola do sacerdote desce verticalmente ao longo do corpo para mostrar a verticalidade do seu Ministério. Sendo “pontífice”, ele faz a ligação entre Deus e o homem através do sacrifício apresentado na pessoa de Cristo, já o ministério do diácono é voltado para o serviço à comunidade. A estola atravessada no peito mostra a horizontalidade de suas funções, ele deve servir a todos em modo horizontal, deve servir com amor e caridade valorizando tudo o que o Senhor o designou em sua missão.

Cada diácono deve sentir-se fraternalmente ligado aos outros mediante o laço da caridade, da oração, da obediência ao bispo, pelo zelo ministerial e da colaboração. A Igreja em seu ordenamento canônico instituiu o direito dos diáconos se associarem para ajudar em sua vida espiritual, para o exercício de obras de caridade e de piedade, para conseguir outros fins, em plena conformidade com a sua consagração sacramental e a sua missão.

Existe a comissão dos diáconos com presidente e auxiliares. Em cada região, existe também a comissão regional dos diáconos diocese com grande número de diáconos há a comissão diocesana. Os diáconos permanentes colaboram de modo enriquecedor dentro da Igreja, realizam também grandes trabalhos, que são feitos

²¹ Documento de Aparecida nº 205, 2007, p.100

²² GOEDERT, 2020, p. 113-119

com humildade para com os irmãos. Na liturgia, na caridade, na pregação da palavra e também nos sacramentos. Assim, a sua ordem na ação deverá despertar em todo o povo de Deus uma consciência mais viva e uma participação mais empenhada na missão da Igreja.

Os diáconos não vêm dispensar outros colaboradores, mas incentivar a todos os agentes de pastorais os movimentos da Igreja, e serem responsáveis pelo bem comum da comunidade, que é de responsabilidade de todos nós, os batizados e denominados povo de Deus, sem deixar as suas responsabilidades familiares e profissionais. A Igreja é como um organismo que precisa de atividade de todos os seus membros: bispos, presbíteros, diáconos, religiosos e leigos. Todos participam da missão da Igreja, colaboram na ação do Espírito Santo que concede aos fiéis os dons essenciais e especiais para o reconhecimento de todos, na Igreja há espaço para a variedade dos carismas e ministérios. A caridade é o sinal identificador do cristão que se apegua à credibilidade do anúncio do evangelho. São variadas as formas de pobreza das pessoas da sociedade e, além da pobreza, por vezes encontramos também a forma de nobreza cultural e espiritual do diácono permanente, que vem convidar-nos a sair do nosso comodismo com a sua luta cotidiana, pois eles nos ensinam como servir os nossos irmãos a exemplo do Cristo, que é servidor de todos.

A sua ajuda fraterna é necessária, por isso devemos sempre acolher a atitude de ação de Graças dos futuros diáconos, que têm a missão de servir o povo de Deus, na nossa oração pelos servidores do evangelho, com a devida consciência de que não eles podem fazer tudo. Se faz necessário, portanto, distribuir os trabalhos, cientes de que “não está certo de que nós deixemos a pregação da palavra de Deus para servir as mesas” (At, 6, 20). Os apóstolos, como testemunhas oculares, têm o múnus específico de anunciar a palavra; contudo eles têm a consciência de que o anúncio da palavra não pode ser desvinculado do compromisso concreto de atender às necessidades dos mais pobres. É importante levar em consideração que as comunidades primitivas sofrem entre dois grupos de cristãos diferentes: os judeus de língua grega e os judeus de língua hebraica, por outro lado, as viúvas estavam sendo esquecidas.

Havia a murmuração dos gregos contra os hebreus, porque as suas viúvas eram desprezadas no ministério cotidiano. Ninguém deveria ser desprezado na distribuição dos alimentos, e muito menos os órfãos e as viúvas, uma vez que eram pessoas que necessitavam do carinho especial da comunidade nascente. É

importante ressaltar que nas Sagradas Escrituras a viúva era uma pessoa necessitada de proteção e sustento, devendo ser honrada e respeitada. Na lei mosaica, o cuidado para com a viúva era colocado como alta responsabilidade dos parentes. Esse dever era atribuído ao filho mais velho, que recebia a primogenitura, e se alguém prejudicasse uma viúva ou um órfão, se um deles clamasse ao Senhor, a vingança divina cairia sobre aquele que praticou a maldade (Êx, 22, 22-24; Sl, 146, 9).

Esses primogênitos, como indicado no texto bíblico, foram escolhidos como os primeiros diáconos, pois estavam entre os homens de boa representação, cheios do Espírito Santo, e sabedoria, com a sagrada missão de servir às mesas (At, 6, 2). Desde os primeiros séculos, já se entende que os escolhidos ao diaconato devem ser dignos, dóceis, desprendidos, verazes e firmes, conforme consta na literatura patrística ao tratar da hierarquia ministerial da Igreja. Para Inácio de Antioquia, uma Igreja sem o bispo e o diácono é impensável. Enfatiza que o ministério diaconal se configura ao Ministério de Jesus Cristo, que sempre esteve todo ao lado do Pai que aparecerá no final dos tempos, pois Ele reina por todos os séculos, infinitamente LG

É importante ressaltar que os diáconos existem não somente para servir as mesas, mas para serem ministros da Santa Igreja de nosso senhor Jesus Cristo. No início da Igreja, ainda nos primeiros séculos, os diáconos têm a sua identidade marcada pela caridade, que é de fato um grande ministério, também se destacam nos serviços do culto e da pastoral. Desse modo, entende-se que o diácono concretiza sua missão e discipulado no amor, marcado pela humildade, pobreza e, se preciso for, pela doação da própria vida com o martírio. A Igreja primitiva chamava a atenção para a ação caritativa e o trabalho diaconal, pois estes foram instrumentos que ajudaram muitos pagãos na conversão ao Cristianismo. Naqueles tempos, muitos adeririam à Igreja com o grandioso testemunho dos diáconos, que, incansavelmente, praticavam a caridade, anunciavam a palavra e cuidavam da sagrada liturgia.

O diácono sempre esteve presente na vida da Igreja, a sua missão e vocação é se colocar sempre a serviço dos menos favorecidos. Ele se doa sempre no campo espiritual e social, a Igreja se serve do diácono para auxiliar nas mais diversas realidades de pobreza no mundo. Ele tem uma dupla missão de vida: cuidar da vida familiar e da vida profissional e social. Os diáconos permanentes casados têm a missão de conciliar os trabalhos pastorais e atenção especial à sua família, pois ele tem a missão de conduzir os filhos em união com a sua esposa, ela também tem em proporção menor, compromisso com a comunidade nas pastorais, ela dá testemunho

de vida. Ele é agraciado com muitos dons recebidos e aí colocados a serviço da Igreja no dinamismo para continuar a missão de Jesus e dos apóstolos. O diácono precisa estar em comunhão com Jesus na Eucaristia, porque é dela que vem toda a sua força sacramental que orienta o trabalho pastoral e dá o ânimo necessário para que ele não desanime em sua caminhada.

Desse modo, a missão do diácono se fortalece, se solidifica na concretude do amor de Jesus que é gerador da vida. Ele se dedica para ser exemplo na mesma condição, para se doar continuamente, somente assim ele pode ouvir os sinais do Espírito que revela a vontade de Deus na Igreja e em sua própria vida. Podemos entender que a sua origem se dá na consagração e missão de Jesus Cristo, nas quais o ministro é chamado a participar. O candidato é constituído ministro sagrado, e ao mesmo tempo, membro da hierarquia, mediante a imposição das mãos em oração consagradora. A partir deste momento, a missão do diácono casado se situa na comunidade como forma de auxiliar ao sacerdote no anúncio da palavra, nos atos litúrgicos e na caridade. Os documentos do magistério da Igreja citaram a sua origem na escolha de sete homens de boa reputação, repletos do Espírito Santo e de sabedoria (At, 6, 1-6), desse modo, o diácono serve na Igreja, no trabalho pastoral, servindo os irmãos e evangelizando, sobretudo, nos lugares mais distantes e necessitados. Ele entende que quem tem o poder de fato é aquele que tem o poder de servir.

A Igreja sempre conta com a ajuda dos diáconos casados para romper muitas barreiras da sociedade que se encontra imersa no paganismo, pois sua presença, de alguma forma, vai contagiando o ambiente e com a graça de Deus, que age no meio do povo trazendo a graça e a paz. Os diáconos casados participam da missão de Jesus Cristo e são marcados pelo sacramento da ordem como sinal, caráter que ninguém poderá apagar e que os configura com o Cristo que se faz diáconos servidor de todos. Tendo o sacramento da ordem, ele também é abençoado com o sacramento do matrimônio, dando assim destaque para essas duas vocações essenciais para uma vida cristã, com intuito de servir a Deus e aos irmãos, por isso, são escolhidos para anunciar a Boa Nova da salvação. Os diáconos são espectadores de Cristo, cooperadores do Ministério da Igreja, que serve a todos, são obedientes aos bispos que os envia para a missão de evangelizar, onde estiver precisando do seu apoio missionário. Santo Agostinho já dizia que foi o orgulho que transformou anjos em demônios, mas é a humanidade que faz de homens anjos, e trata a posição do diácono

no fortalecimento das virtudes cristãs e a humildade de servo do senhor (cf. GOEDERT, 2020, p.82).

Com o passar do tempo, em sua missão eclesial, os diáconos permanentes têm se tornado muito eficazes e positivos no convívio familiar e religioso. Indo além dos encontros pastorais, eles dão testemunho de comunhão, conforme a palavra de Deus, e a oração que anda de mãos dadas. Na pessoa do diácono permanente encontramos esse perfil, de quem cuida da própria família e da evangelização na comunidade. Os diáconos casados devem estar presentes em todos os lugares da sociedade, desde que o ambiente não tire deles o brilho da graça santificante, por isso o diácono permanente deve exercer suas funções com confiança no Senhor, que é sempre um desafio diante do que a sociedade apresenta. Ele deve cuidar do seu compromisso com Deus e a Igreja, e também com a sua família, valorizando todos os seus compromissos como homem de família e da sociedade.

Com essas qualidades confirmadas, com a formação teológica e o amadurecimento para a missão, os aspirantes são convidados a realizar o discernimento livre e consciente, sem deixar-se condicionar por interesses pessoais ou pressões externas de qualquer tipo que o impeçam de realizar o pedido para a ordenação. O diácono permanente fica incardinado na Igreja para a qual foi ordenado, unido a seu bispo e ao presbítero, ele presta os serviços pastorais ou social e por amor ao povo e ao próprio diaconato, seu pároco, nunca deve deixar de lhe confiar uma missão canônica, de acordo com seus dons e capacidades, evitando que ele seja um mero substituto do sacerdote, ou seja, colocado em funções que não corresponda com o seu ministério, conforme o código de direito canônico (Cân, 265.266). Todo clérigo deve estar incardinado numa Igreja particular ou prelazia pessoal, ou em algum instituto de vida consagrada ou sociedade que tenham tal faculdade, de modo que não se admita, de forma alguma, clérigos acéfalos as vacantes pela ordenação diaconal.²³

A vida do diácono casado é voltada para fazer a vontade de Deus, assim como todos os homens e mulheres de boa vontade. Porém, o diácono casado é chamado a segui-lo, mas é certo que através do ministério ordenado, ele adquire um poder de falar em nome da Igreja, de dar bênçãos diversas, assistir os matrimônios e realizar

²³ GOEDERT, Valter Maurício. O diaconato permanente – Perspectivas teológico pastorais –São Paulo: Paulus 2ª ed., 2020

os batismos, como uma forma de doação de amor e caridade. Por intermédio dos diáconos da caridade, na diaconia caritativa, diaconia da coleta, diaconia das refeições, diaconia da palavra e a diaconia da administração dos bens, que a comunidade ajuda os seus membros a sair da miséria, onde cada vez mais se torna visível a igualdade social, fruto do trabalho incansável dos diáconos, como se sucedeu no início da comunidade cristã.

2.5 A Tríplice Missão do Diácono Permanente

A missão do diácono se realiza na diversidade de uma diaconia que pode ser concretizada, no Serviço da caridade, da palavra e da liturgia, de modo diverso o que significa uma grande força evangelizadora para a vida da Igreja. Os diáconos podem colocar suas atividades missionárias em prática a partir das diaconias, nas mais diferentes realidades, da comunidade em que ele habita, tais como: comunidades rurais, condomínios fechados, edifícios, cortiços, lugares de trabalho ou de lazer, vilas e favelas. Essas realidades podem ser definidas com o mapeamento que sempre é realizado pela comunidade eclesial, buscando o atendimento de necessidades e urgências pastorais²⁴.

Não se deve deixar de considerar a necessidade de atuação pastoral do diácono em um mercado público, no shopping center, aeroporto, clube esportivo cemitérios capelanias de hospitais, assistência a grupos específicos e especialmente nos serviços da recuperação de dependentes químicos. É necessário que se dê toda importância na atuação pastoral e no apoio a serviços com pessoas portadoras de necessidades especiais, aos idosos, projetos de caráter ecológico, lideranças políticas garantindo a espiritualidade buscando cada vez mais aprofundar as questões que são apresentadas naquela realidade e um conhecimento da doutrina com o posicionamento da igreja em relação às questões da vida.

Os diáconos também podem atuar junto a grupos em defesa dos direitos humanos; o serviço de canal dedicado a um santuário é acolhendo, animando e coordenando atividades, articulando com aqueles que evangelizam e, sobretudo, os agentes de pastoral que servem no santuário, com especial empenho na preparação dos fiéis para as confissões. A missão diaconal também é importante na animação de associações, nos movimentos eclesiais a novas comunidades, na coordenação

²⁴ CNBB, Diretrizes para o diaconato permanente da Igreja no Brasil. 1 ed. São Paulo: Paulus 2012, 9.33-35

pastoral e nas instituições sociais e assistenciais, nesse caso toda a importância do trabalho para ajudar ao pároco.

Este serviço também tem como meta ajudar a fortalecer a missão do bispo. Aqui, o diácono serve diretamente e compartilha as suas preocupações, necessidades, e encaminha as solicitações visando o bem da igreja particular. Devemos levar em conta que o ministério diaconal é de uma grande riqueza na vida da Igreja, que por natureza é toda ministerial. Ele se coloca como um tesouro para animar a missão evangelizadora da Igreja no atendimento à tantas necessidades e urgências do anúncio do Evangelho e na busca de uma vivência autêntica e comprometida da fé. Para que isso aconteça, se faz necessário o acolhimento do presbítero de todos os segmentos eclesiais para que possam garantir a formação permanente dos diáconos no acompanhamento do Cristo Servo, para que sirva de modelo ao diácono.

Cada diácono deve ser presença amorosa do Cristo Servo na Igreja e na vida da sociedade anunciando o Reino de Deus, para isso, temos como exemplo o mártir Estevão, diácono que dá a vida pelo Reino (At 7,54-60), Lourenço e outros que inspiram a espiritualidade e o compromisso exigido.

O diácono também deve buscar o apoio da Virgem Maria, mestra da fé e da caridade, oração e humildade, exemplo de disponibilidade, para que possa ela inspirar os diáconos na escuta da doação e no serviço do povo, doce no instrumento da realidade de Cristo, o que é o modelo perfeito de toda a diaconia. Fortalecidos com a graça sacramental, os diáconos servem ao povo de Deus na diaconia da liturgia, da palavra e da caridade, em comunhão com o bispo e com o seu presbitério (cf. GOEDERT, 2020, p.61). Segundo a tradição apostólica, o diácono participa da missão plena do bispo realizando sua função não apenas em nome do bispo e com autoridade, mas em nome de Cristo e com a sua autoridade, mediante a consagração do Espírito Santo. Dentro da realidade da crise social em que vivemos, situa-se o ministério do diácono em 3 âmbitos bem definidos: o serviço da caridade; a evangelização; e a ação litúrgica.

2.6 Diaconia da Caridade

O diácono vai ao encontro das pessoas de qualquer religião ou raça, classe ou situação social, fazendo-se um servidor de todos como Jesus. A promoção da caridade do serviço se realiza em um campo privilegiado de evangelização, em que ele, o diácono, pode ser a presença viva da caridade de toda a Igreja, constituído para

a edificação do corpo de Cristo. Reunido à comunidade se despeça, desenvolvendo um senso comunitário de espírito de família, indo em busca das pessoas que estão desamparadas, no rito da ordenação dos diáconos, um texto sugerido para homilia do bispo diz: a consagração pelas mãos, que procede dos apóstolos, e vinculados mais intimamente ao serviço do altar, exerceram o serviço da caridade em nome do bispo (cf. GOEDERT, 2020, p.75). O caráter prioritário da diaconia da caridade deve ser motivo de inspiração e engajamento, pois o seu diaconato deve ser transformador quando se trata de uma sociedade mais justa, solidária e fraterna. O diácono, como ícone de Cristo servidor, presença evangélica nas comunidades de fé, na vida do povo de Deus e nos diferentes segmentos da sociedade deve ser promotor da cultura da reconciliação e da solidariedade devendo servir, como definiu o Papa Paulo VI, é uma força motriz para a diaconia da Igreja (ORIOLO, 2018, p.99).

Assim, o seu testemunho e serviços diaconal devem promover o gosto da busca permanente, em cenário para a formação de discípulos missionários comprometidos na vivência de sua fé. É preciso um desabrochar da consciência na atuação da Igreja como advogada da justiça e defensora dos pobres de desigualdades sociais e econômicas. A Igreja quer servir bem na formação da consciência, na formação política e ajudar no crescimento e da percepção das verdadeiras exigências da justiça onde, e, simultânea e secundariamente, ter disponibilidade para agir com base nas mesmas, ainda que colida com situações de interesse pessoal. Para isso, os diáconos devem se empenhar na oferta de formação e acompanhamento para os diferentes setores da comunidade da fé, assim os leigos recebendo adequada formação, possam atuar como discípulos missionários no mundo, nas realidades caritativas sempre com olhar cristão observando as necessidades daqueles que mais sofrem. O diácono tem por excelência a preocupação inicial e principal de ajudar nas necessidades cotidianas do povo de Deus, sobretudo naquelas essenciais, como o pão de cada dia. Assim, deve estar sempre pronto para anunciar o Reino de Deus através da caridade que é a maior forma de amor que Jesus deixou em nosso coração, sua prática de caridade será um exemplo de reunião da Igreja para aqueles que acreditam em um mundo melhor através da bondade evangélica.

O Concílio Vaticano II lembra essa função no texto da restauração do diaconato: dedicado aos ofícios da caridade da administração, lembre-se os diáconos do conselho do bem-aventurado Policarpo, “misericordiosos e dirigentes”, procedem

harmonia com a verdade do Senhor, que se fez servidor de todos (cf. GOEDERT, 2020, p.75).

Quando pensamos na promoção social na vivência da caridade, nas obras de misericórdia, o diácono assume ou pensa na opção preferencial pelos pobres marginalizados e excluídos. Ele é apóstolo da caridade com os pobres, ou seja, aquele que em primeiro lugar deve buscar e servir os desamparados, se envolvendo com a conquista de sua dignidade e seus direitos. Não podemos esquecer também das questões políticas e sociais, é preciso estar próximo da dor e do sofrimento do mundo que clama por justiça, precisa deixar-se tocar e se sensibilizar pela miséria e provações da vida. Precisa se revestir de especial compaixão pelos: migrantes, às vítimas da violência, os deslocados, os refugiados, as vítimas do tráfico de pessoas, os sequestrados, desaparecidos, os enfermos, de enfermidades endêmicas, os tóxicos dependente, idosos, meninos e meninas que são vítimas de prostituição, vítimas de pornografia violência ou trabalho infantil, mulheres maltratadas vítimas de feminicídio, vítima de explosão com capacidades diferentes, grandes grupos de desempregados é desempregadas, os excluídos pelos analfabetismo, tecnológico, as pessoas que vivem na rua das grandes cidades vidros indígenas e afro americanos, agricultores sem Terra sem trabalhos das Minas (cf. DAp, 2007).

Deve-se levar em consideração que em razão da graça sacramental recebida e da missão canônica, compete aos diáconos administrar os bens, as obras de caridade e promoção social da Igreja. A caridade promovida pela Igreja através dos seus diáconos e do serviço inclui um campo de apostolado tão vasto quanto diversificado. O diácono dá testemunho da presença viva da caridade de toda a Igreja, nos seus os mais diferentes aspectos. Os diáconos dão, portanto, sua contribuição para a edificação da Igreja o que é o corpo de Cristo, isto quando reúne a comunidade e se vivencia uma profunda comunhão eclesial. Ele exerce, assim, uma função importante na construção da comunhão hierárquica como também na renovação de toda a comunidade através do desenvolvimento do centro comunitário e do espírito de família. Cultiva um grande amor a todos os homens de qualquer religião ou raça, faz servidor da humanidade como Jesus Cristo, o que é redentor, levando sobre si a necessidade do seu irmão. Com o seu exemplo desperta às várias vocações, animando diversos serviços e carismas na promoção social na vivência das obras de misericórdia, empenha-se juntamente com a Igreja latino-americana, na opção preferencial pelos pobres e os mais carentes como final do exercício da caridade, que

tem o seu ápice sintetizado na expressão dos serviços das mesas, principal perspectiva do diácono na Igreja primitiva. De acordo com Hipólito de Roma, que afirma que os diáconos devem cuidar dos doentes em comunicar a situação deles, a fim de que possa visitá-los todos os que estão sofrendo.

O diácono deve distinguir-se com grande qualidade, com força de vontade, benevolência, misericórdia, solicitude pelas viúvas e pelos órfãos, afinal, enxergamos aqui o grande ministério dos diáconos desde os primórdios da Igreja, é caritativo ainda que esse seja ministério de toda a Igreja. É claro que compete ao bispo, em primeiro lugar, a iniciativa nesse setor, como também nos demais campos da vida eclesial, como, porém, não é possível realizar tudo sozinho, ele confia tal visão aos diáconos, de modo especial embora dela participa em toda o presbitério após o final para que o seu serviço aos pobres seja autêntico e eficiente.

No Concílio de Trento afirma-se que o diaconato se distingue dos outros ministérios especiais e se aproxima do sacerdócio. Entre outras tarefas que são próprias da caridade e conclui, textualmente tudo o que se refere às necessidades materiais dos necessitados, dos doentes e de todos os aflitos, aquele que é também atribuído aos administradores dos bens, no que se refere à utilidade espiritual dos fiéis, tudo isso deve ser inteligentemente pesquisado realizado. Se o negligenciar, essas providências não forem tomadas, cabe aos bispos investigar com cuidado de modelo. O Concílio Vaticano II destaca essa função no próprio dia da restauração do diaconato, lembrando de São João Paulo II, em 13/10/1993, reafirma: outra função dos diáconos é a caritativa que comporta também um oportuno serviço na administração dos bens e nas obras de caridade da Igreja (cf. GOEDERT, 2020, p.76).

O diácono é sinal sacramental, isso é visível na diaconia da Igreja diante da realidade dos homens. Sua atuação ocorre fundamentalmente nas mais diversas pastorais que acontecem no seio da Igreja, estar presente na sociedade: pastoral familiar, do trabalho, da comunicação social, da saúde, do acolhimento, dos pobres, dos que vivem na solidão, dos doentes, dos idosos, dos infelizes, dos reclusos e marginalizados, dos das minorias étnicas imigrantes. Além disso, voltando o olhar para o seu interior, a Igreja presta assistência espiritual aos grupos e movimentos eclesiais. O diácono desempenha, ainda, um papel importante no serviço da comunhão eclesial ao presidir em nome do bispo, para a comunidade que se encontra isolada das informações. A mesma função é exercida quando, na ausência do presbítero, preside as paróquias como animador para o que, apesar do seu grau

inferior da ordem, prestar serviço de evangelização, animação, administrativo dentro de uma paróquia dependendo da realidade daquela localidade haja visto que grandes trabalhos frutuosos são realizados quando o diácono é denominado pelo bispo a cuidado de um território para o que, em muitos casos os trabalhos são frutíferos e enriquecedor fazendo assim um grande bem para a vida da Igreja.

O diácono pode, sim, contribuir, e muito, para a realidade de uma paróquia nas suas mais diversas situações. A tríplice dimensão do Ministério diaconal, conforme as circunstâncias, poderão certamente absorver uma porcentagem maior ou menor da atividade e cada diácono constitui uma unidade no serviço ao plano divino da Redenção: o ministério da palavra conduz ao Ministério do altar, que por sua vez, leva a traduzir a liturgia na vida, que desemboca na caridade.

Desse modo, podemos compreender que todas as três dimensões da diaconia estão interligadas, construindo, assim, a vida fecunda da Igreja e o Reino de Deus aqui na Terra. De todo modo, tanto a palavra como o altar e a caridade são contribuições redentoras ao povo de Deus. Sendo assim, tudo se torna caridade diante da realidade de cada paróquia onde há um diácono empenhado nesta doação, e a Igreja cresce no amor de Cristo Servo onde a lei está presente.

Os diáconos têm nesse campo a função de exercer, em nome da hierarquia, os deveres do trabalho, da caridade, da administração, bem como as obras e os serviços sociais, as suas fontes financeiras. A caridade é o serviço, acolhida, lavar-se os pés. A escolha de lavar os pés para caracterizar o ministério diaconal permite determinar a verdadeira relação entre a função social e a função litúrgica do diaconato. São João apresenta o lava pés não somente no contexto Eucarístico, mas também no contexto que ceia, as duas realidades estão relacionadas. Na Eucaristia, o serviço busca sua fonte viva e a sua formação. Que o diaconato mostra o teu serviço e a liturgia não estão justapostas, mas relacionadas e indissolúvelmente unidas. Todos os serviços estão baseados no sacramento Eucarístico, que Santo Inácio chama de caridade, como várias palavras, os mais íntimos dos mistérios. Isso significa ação primitiva, o diaconato na Igreja que chama a atenção para um novo perigo que ameaça constantemente: para a liturgia que não termina na caridade, Ministério em que diversidades religiosas e culturais são os verdadeiros valores e estão abertos aos sinais dos tempos, acima de tudo os diáconos dão testemunho pessoal em seu engajamento na realidade social, assíduos da política vivida no setor civil, que estejam preparados para assumir o compromisso com a cabeça erguida em defesa dos mais

necessitados. Tendo uma visão da realidade, possa ele servir à comunidade de acordo com o Ministério de Cristo Servo.

2.7 Diaconia da Liturgia

A diaconia da liturgia acontece em três momentos: celebração dos sacramentos, administração dos sacramentais e presidência do culto e das orações (cf. LG 29). Podemos aqui deduzir que o serviço das mesas não era considerado profano, mas estava inserido no Ministério de Cristo não sem razão. É o culto eucarístico estavam ligados os primeiros desenhos, assim os diáconos chamados a participar particularmente ao serviço dos pobres, tinha igualmente no seu lugar celebrativo do culto.

Por isso entendemos que muito cedo, e foram conferidas funções litúrgicas bem precisas importantes. Existe uma relação entre o culto é a caridade. Afirma Inácio de Antioquia: sede solícitos em tomar parte numa só eucaristia, porquanto uma é a carne de nosso senhor Jesus Cristo, um cálice para a reunião com o seu sangue. Um o altar, assim como um só é bispo junto ao seu presbitério e aos diáconos, aliás meus colegas de serviço. Também Hipólito de Roma escreve: ao se aproximar à noite durante a ceia a refeição, o diálogo trará a luz a sala como parte do rito. No caso de nenhum bispo nem o presbítero estarem presentes, ele deverá presidir a mesa e dar a bênção” e as constituições apostólicas” prescrevem que antes do início do ofício, os diáconos ou ao menos um deles, tomem lugar junto às portas da Igreja, a fim de que observe as pessoas entrarem para que se dirija aos lugares reservados.

Assim que começar os diáconos fechem as portas sem levar em consideração os retardatários durante o ofício, dividam entre si as funções. Uns tomem lugar entre os fiéis para cuidar da ordem e do silêncio. Ao menos um se mantenha junto ao altar para servir durante o sacrifício. A leitura do Evangelho lhes será provavelmente confiada, a menos que um presbítero realize essa função (cf. GOEDERT, 2020, p.69).

Os diáconos são responsáveis, ainda, pela prece, a participação dos fiéis, a preparação das oferendas do pão e do vinho, a distribuição da comunhão na assembleia e aos doentes. Permanece junto aos presbíteros nas celebrações dominicais da Eucaristia e junto ao bispo enquanto celebra os sacramentos eles conduzem o neófito ao batistério, e com ele a água, realizar a unção com o óleo dos catecúmenos eles devem leite e mel, após o batismo. Leva os Santos olhos para a confirmação, limpo a frente do confirmando e, após a sagração de um bispo, seguram

o livro dos Evangelhos sobre a cabeça. Administrar o batismo no lugar do presbítero por ordem do bispo.

O diácono tem um papel litúrgico muito importante: é ministro do batismo e, com o bispo e os presbíteros, ministro ordinário da comunhão eucarística.

Assim, proclama o Evangelho, faz a homilia sempre que se julgue oportuno, apresenta as intenções da oração universal, prepara os dons, ministra o cálice, entoa cantos da assembleia. Compete-lhe guardar e defender a sagrada reserva, as hóstias consagradas que não foram distribuídas nas missas. Na ausência do presidente, preside ao culto. Dá a bênção com o Santíssimo Sacramento, leva o sagrado viático aos doentes. Assiste ao sacramento do matrimônio e abençoa os esposos em nome da Igreja. Preside ritos das exéquias, ministra bens ligados a vida eclesial e sacramental.

Logo, as normas próprias dos Santos mistérios sejam observadas como tal devoção, que os fiéis se entendem numa participação consciente que fortifique a sua fé, preste culto a Deus e santifique a Igreja. A esse respeito, a congregação competente ressalta: “sejam sempre fiéis ao que é prescrito pelos livros litúrgicos, sem acrescentar, tirar ou mudar nada por iniciativa própria” (CDC cân, 846, 1). Manipular a liturgia equivale a privá-la da riqueza do Mistério de Cristo que nela existe e poderia ser sinal de alguém de alguma forma de presunção diante do que foi estabelecido pela sabedoria da Igreja. Limita em si por isso virgula a realizar tudo e só o que é da sua competência (cf. ORIOLLO, 2018, p.39).

O diácono aqui dá testemunho oficial da diaconia e do amor de Cristo pelos homens, não poderá realizar eficazmente sua missão se não estiver se não a tiver contato com os sacramentos do serviço da caridade. Seja qual for sua função, deve ser relacionada com esforços da Igreja no sentido de difundir e confirmar o amor e a unidade que são por sua vez, animados e prefigurado a celebração contínua da Eucaristia. A função diaconal simboliza, de algum modo duplo movimento da eucaristia. O diácono leva ao povo o corpo de Cristo, e trazia para o altar as oferendas que exprimiu a comunhão dos fiéis, levava aos doentes e ao, mesmo tempo que o corpo do senhor, o que é auxílio da comunidade, recebia e distribuía. Seu Ministério simbolizava a função diaconal da Igreja e demonstrava que a liturgia e a vida social não são duas realidades justapostas, mas polos de uma mesma economia, poucas ações de um mesmo movimento, que através de Cristo vem de Deus e a ele retorna.

2.8 Diaconia da Palavra

A Igreja tem o seu nascimento com a ação evangelizadora de Jesus Cristo e da descida do Espírito Santo. Ela continua no mundo como sinal da presença do Reino de Deus. A Igreja tem a evangelização como missão primordial, a sua existência se fundamenta na evangelização, pregação, e ensinamentos, ela é canal do dom da graça, é reconciliação dos pecadores com Deus e perpetuar o sacrifício de Cristo na santa missa, que é o memorial de sua morte e gloriosa ressurreição. Antes de ser servidor da palavra, o diácono se torna ouvinte. Com frequência, ele fará a leitura meditada e orante das sagradas escrituras, que é a escuta humilde cheia de amor daquele que fala. A familiaridade com a palavra de Deus facilitará o itinerário da conversão não apenas para preparar-se para o mal e aderir ao bem, mas também para alimentar o coração e os pensamentos de Deus, de modo que a fé qual resposta à palavra, se torna o novo critério de avaliação dos homens e das coisas, dos acontecimentos e dos problemas.

O diácono transmite para a sua comunidade a palavra libertadora, figura da qual ele próprio já experimentou o poder de transformação. Identifica-se com a palavra anunciada, pode ser em sentido como bom filho do servidor da palavra. Afinal anuncia a obra de Deus com autoridade e veemência, e, afirma que nasce especialmente, na familiaridade do Evangelho, de acordo com a realidade do cotidiano. A palavra não é para ele algo estranho, mas é aquilo que de fato ele pode vivenciar em seu dia a dia.

A Igreja, é depositária da boa notícia, começa sua missão evangelizando, também os seus evangelizadores. Evangelizar é, pois, antes de tudo, um ato eclesial, e não apenas um ato isolado individual, em cada cristão. Existem, contudo, diferentes tarefas evangelizadoras; da universidade de serviço na mesma unidade de missão, é o que constitui a riqueza e a beleza evangelizadora. A missão evangelizadora do diácono não se atém na homilia, o anúncio da palavra no contexto litúrgico, mas ele transmite à comunidade a palavra libertadora, da qual ele próprio já experimentou. Há, pois, uma dupla responsabilidade: no confronto com a fé da Igreja, no despertar, promover, ensinar a comunidade para a sua missão evangelizadora, uma evangelização sem fronteiras, na dimensão do aprofundamento da fé, o diácono não é apenas um catequista ou um animador da catequese, mas principalmente uma presença que catequiza.

Confirmando os irmãos na fé, aprofunda em si mesmo e pela comunidade o espírito missionário que, sempre de novo, desperta na Igreja a consciência de ser responsável na construção do Reino de Deus, Igreja que não se descansa enquanto

não dá o melhor de si para proclamar a Boa Nova de Jesus Salvador. De tal forma o diácono empenha em celebrar a palavra na comunidade. Deve ele, por conseguinte, colaborar na adaptação da mensagem evangélica, segundo a linguagem da cultura e do ambiente, intensificando o diálogo entre a palavra e a situação de cada realidade que se concretiza no dia a dia da comunidade.

O diácono tem identificação, com a palavra: exorta e ensina os fiéis, lendo explicando as sagradas escrituras. Tem responsabilidades especiais na catequese e, portanto, na formação dos catequistas, no acompanhamento dos pais e encarregados da educação, na catequese de adultos, na catequese sacramental de a preparação de pais e padrinhos para o batismo de crianças, para o batismo de adultos e posterior e aprofundamento na fé (mistagogia), assim como na preparação para a confirmação e o matrimônio.

O diácono se identifica com o compromisso missionário como testemunha servidor da palavra dirigirá dele permanente empenho para a multiplicação dos grupos de círculos bíblicos, e a criação da cultura da leitura orante da palavra de Deus nas famílias, é nas de versificados ambientes dos diferentes segmentos da sociedade civil, sendo um catequista exemplar multiplicando os ensinamentos que contém as sagradas escrituras para o bem de toda a comunidade local. Na tradição da entrega do Evangelário, percebe-se claramente o simbolismo expressivo do poder ordinário de pregar a palavra de Deus.

Capítulo III: “Não amemos com palavras, mas com obras”²⁵

No capítulo anterior descrevemos a tríplice missão do Diácono Permanente, ou seja, diaconia da caridade, diaconia da liturgia e diaconia da palavra, com destaque especial à diaconia da caridade, uma vez que o apóstolo João nos exorta para que “não amemos com palavras nem com a boca, mas com obras e com verdade” (1 Jo 3,18). Neste capítulo queremos dar pistas para a prática da diaconia da caridade, que conjugadas com a diaconia da palavra, e da liturgia, faz parte da essência da sua missão originária da Igreja, ou seja, amar a Cristo, espelhando-se nos irmãos.

3.1 A pobreza como um desafio social e eclesial.

3.1.1 Sinais da pobreza no Brasil

Uma pesquisa da Fundação Getúlio Vargas²⁶, revela que o percentual de pessoas com renda abaixo da linha de pobreza, que reflete a percepção de R\$ 261,00 ao mês por pessoa, era antes da pandemia do Covid 19, em torno de 10,97% da população, representando cerca de 23,1 milhões de pessoas em estado de pobreza. Em setembro de 2020 esse número atinge uma melhora significativa, em função da implantação do Auxílio Emergencial, chegando o mesmo índice a 4,63% da população. Com a suspensão do Auxílio Emergencial no primeiro trimestre de 2021, o índice passa para 16,1% da população. Com a adoção do novo Auxílio, a partir de 2021, o índice passa para 12,98%, observando-se uma pequena retomada, porém, mesmo assim esse índice é superior ao número apresentado antes da epidemia (10,97%), o que representa um total de 27,7 milhões de pessoas que vivem em estado de pobreza atualmente no país, mostrando uma realidade bem pior do que se observa antes da pandemia.

Ainda de acordo com dados da pesquisa, a renda individual média do brasileiro, considerando trabalhadores informais, desempregados e inativos, está 9,4% abaixo do nível registrado no final de 2019, configurando um aumento de desigualdade entre a base e a totalidade da distribuição de renda no país.

²⁵ O título deste terceiro capítulo é exatamente o título da Mensagem do Santo Padre Francisco para o I dia Mundial dos Pobres, escrita para o dia 19 de novembro de 2017, ao instituir o XXXIII Domingo do Tempo Comum como Dia Mundial dos Pobres, e refere-se à 1 Jo 3,18.

²⁶ FGV: “mais pobres sofrem maior impacto na pandemia” disponível em: <https://cps.fgv.br/destaques/fgv-social-lanca-pesquisa-desigualdade-de-impactos-trabalhistas-na-pandemia> acessado em 15/05/2022

Ainda sobre os impactos da pandemia da Covid 19, percebe-se que o desemprego aumentou, os preços subiram e conseqüentemente a fome explodiu. Segundo a Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede PENSSAN)²⁷, são mais de 19 milhões de brasileiros passando fome, contra 10,3 milhões em 2018, antes da pandemia. Além disso, 116 milhões de brasileiros, o que representa 55,2% da população, não necessariamente, come três refeições por dia, o que denota um grave quadro de insegurança alimentar.

Quadro de insegurança alimentar que infelizmente se constata através da reportagem do Jornal Correio Brasiliense²⁸, que através da matéria intitulada “Fila para doação de ossos se estende por cinco quarteirões em Cuiabá”, traz fotos de uma fila às vésperas do Natal de 2021, para doação de ossos em um açougue de Cuiabá, que reuniu cerca de 400 pessoas, em aproximadamente 5 quarteirões. Triste retrato da miséria no país, enquanto muitos ainda jogam comida no lixo.

Além disso, a pesquisa revela que a fome não afeta a todos da mesma forma, ou seja, populações negras, mulheres, ruralistas e indígenas, são os que mais sofreram impactos com a pandemia. Ao término de 2020, 11% das famílias que eram mantidas por mulheres, passavam fome, e mais de 10% das famílias negras sentiam o problema, comparadas com mais de 7% das famílias brancas. No meio rural, que é o centro produtor de alimentos, 12% das famílias passavam fome, em comparação com mais de 8% das famílias urbanas.

3.1.2 - Desafio social e eclesial

Conforme mencionado no capítulo II, a instituição da diaconia como ministério ordenado é atribuída ao texto de At 6,1-7. Nesta passagem bíblica os apóstolos veem a necessidade de homens dedicados ao atendimento aos mais necessitados, e à administração de bens, enquanto eles se dedicam mais à oração e à pregação. Assim criou-se uma forte tendência a priorizar o serviço de caridade e de assistência social, como parte fundamental do ministério diaconal.

Sobre a diaconia da caridade as diretrizes para o diaconato permanente afirmam:

²⁷ Disponível em: www.olheparaafome.com.br acessado em 17/05/2022

²⁸ Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/fila-para-doacao-de-ossos-se-estende-por-cinco-quarteiroes-em-cuiaba/> acessado em 17/05/2022

“A promoção da caridade e do serviço constitui um campo de evangelização vasto e diversificado. O diácono testemunha a presença viva da caridade de toda a Igreja e contribui para a edificação do Corpo de Cristo, reunindo a comunidade dispersa, desenvolvendo o senso comunitário e o espírito de família. Vai ao encontro de pessoas de qualquer religião ou raça, classe ou situação social, fazendo-se um servidor de todos, como Jesus”²⁹

Segundo Goedert a vivência da caridade antes de ser uma atividade ou responsabilidade individual é um problema de Igreja, devendo ela, assumir a vida de caridade e do comprometimento nas ações comunitárias, por isso, a importância da diaconia da Caridade exercida pelos Diáconos Permanentes.³⁰

As diretrizes para o diaconato permanente enfatizam e explicitam de forma muito clara as atividades do diácono permanente na sua missão caritativa:

“Na promoção social e na vivência das obras de misericórdia, o diácono assume a opção preferencial pelos pobres, marginalizados e excluídos. Ele é apóstolo da caridade com os pobres, envolvido com a conquista da sua dignidade e dos seus direitos econômicos, políticos e sociais. Está próximo da dor do mundo. Deixa-se tocar e sensibilizar pela miséria e provações de vida e reveste-se de especial compaixão pelos pobres, pelos desempregados, sem-terra, sofrendores de rua. Em razão da graça sacramental recebida e da missão canônica, compete ao diácono administrar os bens e as obras de caridade e a promoção social da Igreja”³¹

Dessa forma o Diácono Permanente é impelido a utilizar-se do princípio da solidariedade³², frequentemente empregado pelo Magistério, presente no Compêndio da Doutrina Social da Igreja.

O princípio da solidariedade significa que as pessoas do nosso tempo estão mais conscientes da responsabilidade que têm para com as sociedades em que vivem: são responsáveis pelas condições que tornam possível a existência humana e pelo património indivisível e indispensável, determinado pela cultura, composição do conhecimento científico e tecnológico, bens materiais e imateriais, tudo produzido pela história humana. Esta dívida deve ser paga em várias manifestações de ação social, para que os caminhos das pessoas não sejam interrompidos, mas permaneçam

²⁹ Cf. CNBB, doc. 74, n. 53.

³⁰ VM Goedert - Revista Encontros Teológicos, 2008 - facasc.emnuvens.com.br

³¹ Cf. CNBB, doc. 74, n. 56.

³² A solidariedade, mesmo que ainda falte a expressão explícita, é um dos princípios basilares da “Rerum novarum” (cf. João XXIII, Carta enc. Mater et Magistra: AAS 53 [1961] 407).

abertos às gerações presentes e futuras, que são chamadas solidariamente a compartilhar o mesmo dom.³³

Há uma relação entre a Encarnação do Verbo e a solidariedade humana. Cristo, com efeito, é descrito como modelo de vida social com suas práticas de solidariedade. Aos discípulos deixou um mandamento de amor e serviço, transformando a humanidade em filhos e filhas de Deus.³⁴

3.2 O Agir da Misericórdia para a construção do Reino de Deus

Ao falar da Cristologia da Misericórdia, presente na teologia do Papa Francisco, Manzatto³⁵ esclarece que na história e na vida prática de Jesus de Nazaré, fica evidenciada sua ação de misericórdia na construção de Reino de Deus. Portanto, o Reino anunciado por Jesus, tem como referência básica e elementar a misericórdia de Deus, presente na parábola do filho pródigo, que também podemos chamar de parábola do pai misericordioso (Lc 15,11-32), uma vez que o filho retorna para casa depois de gastar todos os bens da família, e ficar praticamente na miséria, o pai o acolhe incondicionalmente, e mais do que lhe dar uma acolhida, o recebe com festa e alegria.

Quem quiser participar do Reino de Deus deve lembrar que:

A participação no Reino é obra da total e plena gratuidade de Deus. Oferecido aos pobres, o Reino não exige contrapartida. É dom e é graça; por isso mesmo não se pode pensar em merecimento para dele participar. Pobres e excluídos não podem oferecer nada em troca, e, portanto, as parábolas que falam do Reino apresentam essa dimensão de gratuidade como lhe sendo inerente (Lc 14,13; Mt 22,9). Não se compra um lugar no Reino nem com riqueza nem com bons comportamentos, como lembra Francisco ainda na *Gaudete et Exultate* (35-62). Há uma clara ligação entre a compreensão do Reino de Deus como destinada aos pobres e a misericórdia, porque esta é a única maneira de os pobres terem acesso a ele: a misericórdia de Deus salva³⁶.

A Arquidiocese de São Paulo estabelece como áreas prioritárias para a atuação do diácono permanente:

A Arquidiocese chama os diáconos permanentes, sobretudo, para o serviço aos pobres, doentes e idosos e de todos os que necessitam da atenção

³³ Cf. Compêndio da Doutrina Social da Igreja, 2006, 195, p. 118

³⁴ Cf. *Gaudium Et Spes*, 32,2019

³⁵ Cf. Teologia do Papa Francisco – Jesus Cristo – Antonio Manzatto - 1ª ed., São Paulo, Paulinas, 2019

³⁶ Manzatto, 2019, p.59

samaritana e misericordiosa da comunidade. Também lhes recomenda especial atenção à pastoral da esperança (exéquias), da família, da iniciação cristã (catequese), da educação (escolas e universidades) e à pastoral carcerária³⁷.

A prática da caridade não é exclusiva dos diáconos, pelo contrário, é inerente a todos os batizados e a todas as pessoas de bem, porém, como vimos, torna-se uma tarefa especial na vida e na missão dos diáconos permanentes, por isso, apresentamos a seguir alguns, dentre vários outros campos de ação, que um diácono permanente pode trabalhar, especialmente no campo da ação misericordiosa da comunidade:

3.2.1 População em situação de Rua

Com o passar do tempo a condição da População em situação de Rua tornou-se tão drástica que no ano de 2009 o então Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, promulgou o Decreto 7.053, instituindo a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento. Este decreto define a população em situação de rua como um grupo populacional heterogêneo, com extrema pobreza compartilhada, vínculos familiares rompidos ou fragilizados, com ausência de moradia regular, utilizando-se de espaços públicos e áreas degradadas como espaços de moradia temporária ou permanente, bem como utilizam-se das unidades de pernoite para alojamento ou moradia provisórias³⁸.

Este Decreto estabelece, além da igualdade e equidade, Princípios da Política Nacional para a População em Situação de Rua, a saber:

- I – Respeito à dignidade da pessoa humana;
- II – Direito à convivência familiar e comunitária;
- III – Valorização e respeito à vida e à cidadania;
- IV – Atendimento humanizado e universalizado; e
- V – Respeito às condições sociais e diferenças de origem, raça, idade, nacionalidade, gênero, orientação sexual e religiosa, com atenção especial às pessoas com deficiência³⁹.

Segundo o IPEA, no Brasil, a população em situação de rua cresceu 140% a partir de 2012⁴⁰, chegando a quase 222 mil brasileiros em março de 2020, tendendo

³⁷ Diretório para a Vida e o Ministério dos Diáconos Permanentes, 2016, p.21

³⁸ Cf. Decreto nº 7053 de 23 de dezembro de 2009, DOU de 24.12.2009, Art. 1º Parágrafo único.

³⁹ Idem, Art. 5º.

⁴⁰ Cf. Nota Técnica n. 73 do IPEA publicado em junho de 2020.

a aumentar com a crise econômica acentuada pela pandemia da Covid 19. São dados alarmantes, especialmente se lembrarmos a dificuldade da mensuração desses casos, uma vez que o IBGE faz as pesquisas em função das casas recenseadas, ficando, portanto, de fora os moradores de rua. Entre as pessoas sem moradia encontramos desempregados e trabalhadores informais, como guardadores de carros e vendedores ambulantes, além de centenas de famílias que em função da acentuada crise econômica e da pandemia da Covid, perderam suas fontes de renda, sua dignidade, não podem mais pagar aluguel e veem-se obrigadas a morar na rua. Triste realidade!

A opção da Igreja pelos pobres significa trabalhar em conjunto para enfrentar as causas estruturais da pobreza e promover o desenvolvimento total dos pobres, bem como assumir os gestos mais simples e cotidianos de solidariedade com o sofrimento muito peculiar que encontramos⁴¹. Por isso é muito importante que as atividades caritativas da Igreja, mantenham seu caráter de um pai amoroso, que vai buscar a ovelha perdida no rebanho. para não correrem o risco de se transformarem em simples ONGs. Neste sentido, o Papa Emérito Bento XVI deixa muito explícito:

Segundo o modelo oferecido pela parábola do bom samaritano, a caridade cristã é, em primeiro lugar, simplesmente a resposta àquilo que, numa determinada situação, constitui a necessidade imediata: os famintos devem ser saciados; os nus, vestidos; os doentes, tratados para se curarem; os presos, visitados etc. As organizações caritativas da Igreja, a começar pela Cáritas (diocesana, nacional e internacional), devem fazer o possível para colocar à disposição os correlativos meios e, sobretudo, os homens e mulheres que assumam tais tarefas. Relativamente ao serviço que as pessoas realizam em favor dos doentes, requer-se, antes de mais nada, a competência profissional: os socorristas devem ser formados de tal modo que saibam fazer a coisa justa de modo justo, assumindo também o compromisso de continuar o tratamento. A competência profissional é uma primeira e fundamental necessidade, mas por si só não basta. É que se trata de seres humanos, e esses necessitam, sempre, de algo mais que um tratamento apenas tecnicamente correto: tem necessidade de humanidade, precisam de atenção do coração. Todos os que trabalham nas instituições caritativas da Igreja devem distinguir-se pelo fato de que não se limitam a executar habilidosamente a ação conveniente naquele momento, mas dedicam-se ao outro com as atenções sugeridas pelo coração, de modo que ele sinta a sua riqueza de humanidade. Por isso, para tais

⁴¹ Cf. *Evangelii Gaudium*, 47

agentes, além da preparação profissional, requer-se também, e sobretudo, a “formação do coração”: é preciso levá-los àquele encontro com Deus em Cristo que neles suscite o amor e abra o seu íntimo ao outro de tal modo que, para eles, o amor do próximo já não seja um mandamento por assim dizer, imposto de fora, mas uma consequência resultante da sua fé, que se operativa pelo amor (cf. Gl 5,6)⁴²

Um exemplo nítido de amor a Deus e ao próximo explicito acima, encontramos na vida do diácono São Lourenço, quando em 257, os cristãos começaram a ser perseguidos e mortos por ordem do imperador Valeriano I, e no ano de 258 o Papa Sisto II foi decapitado.

Segundo a história São Lourenço caminhava junto ao Papa e dizia: “aonde vai sem seu diácono, meu pai? Jamais oferecestes o sacrifício da missa, sem que eu vos acolitasse”. O Papa Sisto II comovido com a dedicação filial de seu diácono responde: “Não estou te abandonando, meu filho! Deus reservou-te provação maior e vitória mais brilhante, pois és jovem e forte. Velhice e fraqueza fazem com que tenham pena de mim. Em três dias você me seguirá”. E assim, depois da morte do Papa, o imperador exigiu que a Igreja lhe entregasse todos os seus bens, dentro de três dias. Lourenço então, distribuiu o dinheiro disponível para os pobres, e, depois, apresentando os pobres, disse ao imperador: “Estes são os bens da Igreja”. Furioso, Valeriano ordena que Lourenço seja queimado vivo. Lourenço manteve a alegria no momento da execução, mostrando profunda fé na vida eterna, no encontro com Jesus Cristo, ficando presente na memória da Igreja, como um grande expoente da caridade eclesial⁴³.

Outro testemunho ímpar pela forma como viveu, na pobreza e no serviço, o amor de Deus e a comunhão com os irmãos, é São Francisco de Assis.

Sua vocação e sua forma de vida, estão claramente à serviço do Evangelho e dos pobres, em profunda humildade e seguimento a Cristo. Nascido entre 1181 e 1182 na cidade Assis na Itália, filho de um rico e próspero comerciante. A princípio, como todo jovem de sua época desejava conquistar além da fortuna, fama e títulos de nobreza, porém entre 1202 e 1205 São Francisco é acometido de uma doença longa

⁴² Carta Encíclica Deus Caritas Est do Sumo Pontífice Bento XVI, Paulinas, 2011, pag. 58-59

⁴³ Disponível em: <https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-sao-lourenco/152/102/> acessado em 27/05/2022

e misteriosa, que mudaria o rumo de sua vida, período em que já ouvia o chamado de Jesus através de seus sonhos.

Em 1206 ao deparar-se com um leproso, considerado repugnante à vista e ao olfato, lhe causando nojo, coloca dinheiro nas mãos ensanguentadas do leproso e lhe dá um beijo. Comentando o fato, diz: “o que antes me era amargo, mudou-se então em doçura da alma e do corpo. A partir desse momento, pude afastar-me do mundo e entregar-me a Deus”. São Francisco tão determinado no seguimento de Jesus, que renuncia a herança, sua família e seus amigos e dedica-se ao cuidado dos pobres, pregando e levando o Evangelho a todos.

Certo dia São Francisco ao ouvir o Evangelho de Lc 9,3: “Não leveis para a viagem, nem bastão, nem alforje, nem pão, nem dinheiro; tampouco tendes duas túnicas”, encontra eco em seu coração, exclamando cheio de alegria: “É isso precisamente o que eu quero! É isso que desejo de todo o coração”. E assim viveu radicalmente o Evangelho, dedicando-se de uma forma radical e incondicional aos pobres e mais necessitados, fundando começou uma vida de dedicação radical aos pobres a ponto de fundar a congregação dos franciscanos, presente até os dias de hoje com seu carisma e trabalho incessante com os mais carentes e necessitados.⁴⁴

Passando do início do cristianismo, primeiros tempos à contemporaneidade citamos agora como exemplo de amor incondicional aos pobres o Padre Júlio Lancellotti, nascido em São Paulo em 1948, foi ordenado sacerdote em 1985. É referência nacional na defesa dos direitos humanos, dedicando-se há mais de 30 anos à população marginalizada. Participou da fundação da Pastoral da Criança e da formulação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), tendo atuado fortemente junto aos menores infratores, detentos em liberdade assistida, pessoas carentes e em situação de rua, além de imigrantes, sem-teto e refugiados; resumindo, junto a todos aqueles que são marginalizados. Atualmente é vigário episcopal da pastoral do povo de rua da Arquidiocese de São Paulo e, há mais de 25 anos, é pároco da paróquia São Miguel Arcanjo, no bairro da Moóca. Entre os diversos prêmios que recebeu, destacam-se dois: Prêmio Zilda Arns, em 2021, pela defesa e promoção dos direitos da pessoa idosa, oferecido pela Câmara dos Deputados, e o Prêmio dos Direitos

⁴⁴ Disponível em: <https://franciscanos.org.br/carisma/sao-francisco#1541514208205-e9957a9f-f930> acessado em 27/05/2022

Humanos, em 2007, promovido pela Secretaria Estadual dos Direitos Humanos da Presidência da República, na categoria “enfrentamento à pobreza”.⁴⁵

Padre Júlio Lancellotti escreveu recentemente um livro intitulado “*Amor à maneira de Deus*” apresentando ao leitor o amor divino como um exercício de compaixão e de misericórdia, onde o amor não é um sentimento, mas um compromisso. Neste livro Pe. Júlio apresenta a parábola do Rico e do Lázaro (Lc16,19-26). Este relato ensina pelo menos duas lições importantes. A primeira é que o status atual e a aceitação social não são critérios para avaliar recompensas futuras. Em outras palavras, aqueles que, como os escribas e fariseus, se consideravam mais dignos do favor de Deus, eram provavelmente os mais humildes espiritualmente aos olhos de Deus. A segunda lição é que o destino eterno de todos, está fixado nesta vida e nunca pode ser revertido na próxima vida, mesmo pela intervenção de Abraão. Padre Júlio comenta que o problema do rico não era a riqueza, mas sim a insensibilidade e acrescenta o seguinte relato:

O Brasil está cheio de Lázarus espalhados por aí. Vivo numa cidade que possui alguns dos melhores restaurantes do mundo. Mas, contraditoriamente, não há comida para todos. Alguns tem de comer do lixo. Um dia, pela manhã, quando os moradores de rua vinham à paróquia, um deles chegou muito mal, vomitando e com diarreia. Ele se deitou no banco e chamamos o socorro. Enquanto esperávamos, perguntei:

- O que aconteceu com você?

- Eu comi uma coisa estragada, padre. Achei no lixo um pedaço de frango estragado e comi.

- Mas por que você comeu? – Que pergunta a minha.

- Porque eu estava com fome.

O que somos diante de Deus? O que ele é para nós? Somos seus filhos, e Ele é nosso Pai. Um Pai não pode querer que o filho coma comida estragada. Que seja repudiado, rejeitado. É impossível que Deus queira isso. Louvar o nome de Deus é defender a vida. É proteger os fracos, os pobres, os pequenos. É comprometer-se. Somos chamados a pelejar por um mundo em que ninguém coma do lixo. Em que todos sejam irmãos. Deus não quer a falta de nada, e sim a fartura para todos, a fim de que todos tenham condições de vida, e de vida com dignidade⁴⁶.

⁴⁵ Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/edicao/amor-a-maneira-de-deus-uma-entrevista-com-pe-julio-lancellotti/> acessado em 22/05/2022

⁴⁶ LANCELOTTI J., *Amor à maneira de Deus*, São Paulo: ed. Planeta, 2021, pag. 55-56

“Se você vê a praça da Sé, é um acampamento, um campo de refugiados, e a população de rua são refugiados urbanos, ninguém os quer, todos os rejeitam”⁴⁷ Padre Júlio costuma dizer que não trabalha com os moradores de rua, mas convive com eles, porque a convivência exige amor e dedicação no sentido de conversar, perguntar ao morador de rua o que ele está sentindo, no que está pensando, qual é a sua dor, quais são suas angústias, o que aconteceu para que chegasse à essa situação, enfim penetrar no coração da pessoa desamparada. “Se você vê a praça da Sé, é um acampamento, um campo de refugiados, e a população de rua são refugiados urbanos, ninguém os quer, todos os rejeitam”

Padre Júlio relata ainda que conviveu diariamente com a população de rua durante a pandemia do Coronavírus, nos momentos de lockdown, passando por um momento muito difícil, de muita incerteza, muita dúvida, correndo riscos de infecção que nenhum de nós queríamos e queremos ainda nos dias de hoje. Só o amor a Cristo e aos irmãos supera tais desafios. Dessa forma, amar os irmãos não é simplesmente doar uma cesta básica ou prestar ajuda assistencial. Não que essa doação não seja importante, muito pelo contrário, mas significa mudar inclusive nossa maneira de pensar, acabar com nossos preconceitos e ter a coragem de acreditar nos pobres, nos fracos e oprimidos⁴⁸.

3.2.2 Casa Vida – Espaço de Afetividade e Ternura⁴⁹

Segundo dados da Organização Médicos sem Fronteiras (MSF), desde a sua descoberta, em 1981, o HIV/AIDS matou mais de 35 milhões de pessoas. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), apenas em 2017, 940 mil pessoas morreram de causas relacionadas ao HIV e 1,8 milhão foram infectadas pelo vírus. Isso equivale a 5 mil novos casos todos os dias. Segundo a OMS até o ano de 2018, 36,9 milhões de pessoas viviam com a doença no mundo. Destas, 1,8 milhão são crianças com menos de 15 anos de idade. Dois terços do total de pessoas infectadas pelo HIV vivem em países da África.⁵⁰

⁴⁷ Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/edicao/amor-a-maneira-de-deus-uma-entrevista-com-pe-julio-lancellotti/> acessado em 22/05/2022

⁴⁸ Cf. Lancellotti, J., 2021, pag. 69

⁴⁹ Casa Vida – Espaço de Afetividade e Ternura é o título do Livro escrito pela Psicóloga Eni Leide Conceição Silva, publicado pela Editora Paulinas em 1997, que conta a história da criação da Casa Vida, destinada a acolher dezenas de crianças portadoras do HIV/AIDS, relatando as dificuldades e desafios encontradas, principalmente em relação ao preconceito e discriminação das pessoas.

Os dados apresentados acima retratam um pouco mais a realidade dos dias hoje, porém, trazem uma retrospectiva de tão grande e trágica era a situação, também aqui no Brasil, por volta dos anos 80/90. Segundo relatos do Padre Júlio Lancellotti a Casa Vida, destinada ao acolhimento de crianças portadoras do vírus HIV/AIDS, foi criada em 1991, como uma resposta tanto ao artigo 227 da Constituição de 1988, que estabeleceu a criança e o adolescente como prioridade absoluta, bem como quanto à situação de morte causada pela AIDS, deixando muitas crianças, além de portadoras do vírus também órfãs de pai e de mãe. Essas crianças viviam na FEBEM e ficavam no isolamento, separadas das demais. “Viam o mundo pela janela, não podiam nem brincar, nem sair do quarto, ficavam presas o dia inteiro”.

No processo de criação da Casa Vida, muitos desafios apareceram, a começar pela falta de dinheiro, que foi conseguido pelo grupo de italianos que havia ajudado na construção da Comunidade São Marinho e também um cônsul da Inglaterra que custeou a reforma. Outro grande desafio foi a adequação do prédio para atender as exigências da Vigilância Sanitária, mas o grande desafio, por incrível que pareça foi conviver com o preconceito dos vizinhos, uma vez que uma médica que morava na vizinhança fez uma notificação judicial, alegando que a casa colocaria em risco a saúde pública. Esse fato se espalhou pela mídia e notícias circulavam que da casa saíam ambulâncias o tempo todo, transportando crianças moribundas e também que moscas picariam as crianças e depois os vizinhos, contaminando a todos.

A muito custo, a casa conseguiu ser inaugurada, porém no Domingo de Ramos foi incendiada por duas vezes, uma na parte da manhã e outra na parte da tarde. Em outra situação, um cachorro foi envenenado para dizer que ele havia morrido infectado pelo lixo da casa.⁵¹

No livro Amor à maneira de Deus, Padre Júlio conta que uma das experiências mais profundas de misericórdia, do amor de Deus, ocorreu através da Casa Vida,

⁵⁰ Disponível em: https://www.msf.org.br/o-que-fazemos/atividades-medicas/hivaida/?utm_source=adwords_msf&utm_medium=&utm_campaign=aids_comunicacao&utm_content=exclusao-saude_brasil_39923&gclid=CjwKCAjw7cGUBhA9EiwArBAvosZcQtB-HZConZkliUVCW-gNyw-ERo6U25J_gtGMm0CmgofcBV1GlxoC4G0QAvD_BwE&playlist=295237c&video=ddd8121 acessado em 27/05/2022

⁵¹ Cf. Lancellotti, J., 2021, Pag. 118 a 120

porque essas crianças e adolescentes marcaram muito sua vida, pois conviveu com eles na vida e na morte, sepultou muitos deles, que viveram situações desafiadoras e inusitadas, na maioria das vezes marcadas pela dor, mas também pelo amor oferecido na casa.

Hoje, alguns estão vivos, já adultos, estão bem, graças a Deus, conseguiram superar a crise e chegaram a uma medicação adequada. Cada uma dessas crianças era um filho, uma filha, uma dor, uma alegria: vê-los falar, alimentá-los, cuidar deles com carinho, ver aquelas crianças pequeninas superar a dor. Alguns deles ficarão marcados em minha mente pelo afeto; o nome deles é inesquecível, e todos os que morreram eu acompanhei até o último momento. Tive a alegria de lhes ter dado uma infância feliz, uma infância com alegria: brincar, cantar, dançar, ter brinquedo, boa alimentação⁵².

3.2.3 Pastoral Carcerária

Segundo estatísticas, o Brasil possui nos dias de hoje a terceira maior população carcerária do mundo, mais de 820 mil pessoas, revelando a perversa política de encarceramento, tendo como alvo grupos sociais marginalizados e empobrecidos, de uma forma especial, jovens, negros e moradores da periferia.⁵³

Criada em 1972, com o Lema: “Estive preso e vieste me visitar” (Mt, 25,36), é um movimento social ligado à CNBB, cujo trabalho é o atendimento às pessoas presas e suas famílias, através de diversas ações como evangelização e promoção da dignidade humana, priorizando a defesa da vida e integridade física das pessoas presas, além de atender às suas necessidades pessoais, familiares e espirituais. Trabalha ainda com a inclusão social da pessoa presa e luta pelo fim da política de encarceramento em massa no país, buscando alternativas de correção e reeducação social, projeto a longo prazo.

Para a execução do trabalho, a pastoral é composta por diversas equipes que se subdividem em setores com ações específicas, visando melhor resultado pastoral: assistência espiritual, material, médica, social, jurídica, engajamento nas articulações e fiscalização das políticas públicas, visando um sistema prisional menos desumano, respeitador da dignidade e dos direitos da pessoa presa e, por fim, a participação nos

⁵² Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/edicao/amor-a-maneira-de-deus-uma-entrevista-com-pe-julio-lancellotti/> acessado em 22/05/2022

⁵³ Disponível em <https://www.a12.com/redacaoa12/noticias/pastoral-carceraria-ira-celebrar-50-anos-no-santuاريو-nacional> acessado em 28/05/2022

Conselhos da Comunidade, Conselhos Penitenciários e Conselhos de Defesa dos Direitos Humanos⁵⁴.

“Visitar os presídios é uma experiência marcante e provocativa”, é assim que Dom Rodolfo Luís Weber, arcebispo metropolitano de Passo Fundo (RS) definiu suas emoções ao visitar pessoas encarceradas. Relata que é muito difícil conversar com alguém que foi condenado por um crime, a primeira coisa que vem à mente são as vítimas e seus familiares, quanta dor e sofrimento carregam. Por outro lado, também é difícil avaliar o peso da culpa e arrependimento presente no detento, despertando então um sentimento de compaixão e misericórdia para com os prisioneiros. Embora estejam presos porque foram julgados por um crime que cometeram, pergunta-se sobre o que fez aquela pessoa cometer aquele ato, e o que podemos fazer para ajudá-los à reintegração social, após o cumprimento da pena. Além disso presenciamos de perto as condições sub-humanas dos presídios, onde não há condições mínimas nem de subsistência e sobrevivência, impossibilitando o processo de reeducação e reintegração social.⁵⁵

Já o Padre Júlio Lancelotti relata que visitar os presos é encontrar “Deus no presídio”⁵⁶, ao referir-se ao presídio feminino no qual trabalhou como capelão em torno de 10 anos. Ao presídio feminino eram aplicadas as mesmas regras do presídio masculino, porém, as necessidades das mulheres são bem diferentes das necessidades dos homens. Por exemplo, as presas tinham que fazer seus próprios absorventes extraídos do miolo de pão e de jornais; não recebiam calcinhas; não podiam usar vestidos nem saias, somente calças; além disso, recebiam apenas dois rolos de papel higiênico por mês, como os homens. “Diante de tudo isso comecei a brigar para que tivessem o direito de serem tratadas com suas necessidades” Relata ainda que uma freira agostiniana que era psicóloga e atendia as presas, foi ajudando nessa briga, quando então decidiram lutar também pelo direito de receberem visitas íntimas, assim como os homens. Diz que foi a maior encrenca explicar por que um padre e uma freira, insistiam tanto na visita íntima das presas, sendo justificado que elas tinham o mesmo direito dos homens, pois se tinham companheiros, os mesmos não ficariam na castidade por muito tempo. Assim desabafa:

⁵⁴ Cf. Formação para Agentes da Pastoral Carcerária, Paulus, 2014, p. 41 a 44

⁵⁵ Disponível em: <http://verbodivino.org.br/Portal/index.php/8-noticias-da-igreja/49-pastoral-carceraria> acessado em 28/05/2022

⁵⁶ Lancellotti, J., 2021, pag. 58 a 61.

Até quando vamos ver todo esse sofrimento sem discernir, sem resistir, sem anunciar? Ser filho de Deus não é reproduzir a ordem injusta, a lógica machista, o sistema de supremacias. O que nos garante a vida definitiva é a filiação divina. Não vamos reproduzir a dominação e a exclusão que dá aos homens o direito sobre as mulheres: às autoridades o poder sobre os outros⁵⁷.

“Por isso, é missão da Igreja promover o desenvolvimento integral dos pobres (EG 188). Daí a necessidade de resolver as causas estruturais da pobreza, que não pode esperar; os planos de assistência são apenas respostas provisórias (EG 202)”⁵⁸

Quantas situações de dor, exclusão, sofrimentos, encontramos nos presídios e quantos “Cristos” podemos encontrar na figura desses irmãos e irmãs; excelente campo de trabalho para o todo batizado exercer sua missão de implantação do Reino de Deus já e agora.

3.2.4 Pastoral da Esperança

A morte é uma realidade difícil de se entender e aceitar, mas faz parte de nossa existência humana, marcando o fim de nossa peregrinação terrestre.

Ao falar do tema da esperança o teólogo Antonio Manzatto afirma que:

o povo repete sabiamente que “a esperança é a última que morre”. E quando ela morre a pessoa morre junto. O que é o suicídio senão o fim da esperança? E a esperança, é só ela, que move as nossas ações, ainda que não tenhamos consciência disso. Agimos hoje sem nenhuma certeza de que amanhã estaremos sequer vivos. É em função da esperança no amanhã que vivemos as coisas mais simples e as mais complexas, os pequenos e os grandes projetos [...] nada disso pode ser movido pela certeza. Não temos garantia nenhuma de quem estaremos vivos amanhã para realizar o planejado. A vida se faz em função do futuro e de um “futuro que a Deus pertence”. A esperança nos move! Ela nos faz agir, caminhar e ser.⁵⁹

Neste sentido, A Pastoral da Esperança tem como objetivo restituir a esperança àqueles que por causa da perda de um ente querido, passam por um processo traumático e assim, podem chegar ao extremo de perder as esperanças. “É uma pastoral que deve tocar a alma das pessoas enlutadas e reerguê-las das suas prostrações para a vida”⁶⁰. Além do conforto, os agentes da pastoral rezam junto com a família pela pessoa falecida, e por todos. Assim, a pastoral leva à família enlutada a presença da Igreja que crê no Cristo Ressuscitado e na ressurreição, como também

⁵⁷ Lancellotti, J., 2021, pag. 62

⁵⁸ Brighenti, A. A Teologia e a Pastoral na Cidade, 2021, pag. 144-145

⁵⁹ Manzatto, 2018, pag. 5

⁶⁰ PEREIRA, J.C., 2015, pag. 11

procuram mostrar que a vida continua, e não podemos desanimar por isso, pelo contrário, devemos reacender a chama da esperança que mantém a continuidade dos que ficam.

A pastoral da esperança faz parte de uma Igreja missionária, uma Igreja que vai ao encontro do outro, levando conforto espiritual àqueles que passam pelo processo da perda de um ente querido.

Mais conhecida como celebração das exéquias, a celebração da esperança é o momento de levar uma palavra de conforto para a família, por isso deve ser preparada com esmero e muita dedicação. Na impossibilidade de o sacerdote presidir a celebração de exéquias, esta poderá ser confiada a um diácono ou a um(a) religioso(a) ou a um leigo(a) mandados para o efeito pela competente autoridade eclesiástica (Ritual de exéquias, n. 19). A celebração da esperança normalmente é dividida em quatro partes, ou ritos, a saber: rito da Palavra, rito de Encomendação do corpo e Rito final.

Elencamos agora, alguns procedimentos⁶¹ que os agentes da pastoral da esperança recebem em seu processo de formação:

- 1- Principais procedimentos corretos: buscar formação teórica; buscar formação prática; vestir-se adequadamente; preparar antes o que irá dizer; usar sempre um roteiro; escolher e refletir antecipadamente os textos bíblicos; ser breve, sem ser superficial; usar de naturalidade; usar sempre o bom senso; saber a hora de se retirar; manter uma distância adequada do caixão; manter um silêncio orante; respeitar pessoas de outras denominações religiosas que estiverem presentes, consultar a família se ela deseja a celebração se for o caso; agir segundo a orientação da Igreja
- 2- Procedimentos a serem evitados: estar despreparado; falar em demasia; perguntas indiscretas; falsos elogios ou apontar algum defeito à pessoa falecida; rir durante a celebração; descontrolar-se; cobrar ou aceitar pagamentos pelas ações desenvolvidas, agir mecanicamente, ignorar líder de outra denominação religiosa presente no local.

⁶¹ Os procedimentos detalhados encontram-se no livro Pastoral da Esperança, Subsídio de implantação, formação e atuação de agentes de José Carlos Pereira, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2015.

Neste sentido percebe-se a necessidade de uma boa coordenação, bem como a importância da pastoral no processo de evangelização, procurando atingir o objetivo de uma Igreja em Saída proposto pelo Papa Francisco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como alicerce base a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, a Alegria do Evangelho escrita pelo Papa Francisco, que conclama a Igreja numa atitude de saída. Uma Igreja em saída, que exige antes de tudo, sair-se de si mesma, de sua autorreferencialidade (cf. EG 8) para ir de encontro com a diferença. A alegria citada pelo Papa Francisco na EG por diversas vezes, torna-se um convite a um olhar diferenciado sobre a Igreja no mundo atual à luz do Evangelho. O Papa Francisco nos exorta para uma conversão pastoral e pessoal séria, ao fazer um forte apelo para uma renovação eclesial e pessoal, para que nossas atividades deem fruto, pois devem se basear na vida e exemplo de amor e misericórdia de Nosso Senhor Jesus Cristo. Caso contrário, nossas atividades por melhores que sejam poderiam transformar-se apenas numa ONG, e a Igreja não pode comportar-se como se fosse apenas mais uma organização, um lugar de simples atendimento público, mas deve ser e refletir a experiência do amor ao próximo e à Deus, implantando desde agora o tão esperado Reino de Deus.

Diante disso enfatizamos a imprescindível necessidade de inserir com mais força a dimensão caritativa do ministério do diácono permanente em plena ressonância com as palavras do Papa Francisco na EG.

Sem dúvida, a dimensão litúrgica e da palavra são de grande importância, sendo a fonte de espiritualidade do próprio Diácono Permanente, portanto, extremamente necessárias. No entanto, é perceptível que a dedicação à dimensão caritativa seja mais reforçada, principalmente quando percebemos o clamor do Papa Francisco para que não nos esqueçamos da opção preferencial pelos pobres e da necessidade de colocar-nos totalmente a serviço dos mais necessitados, a começar pelas necessidades materiais, atingindo o ser espiritual sedento da palavra de Deus.

A título de motivação citamos alguns exemplos de pessoas que no passado dedicaram suas vidas aos pobres tais como São Francisco de Assis, o santo pobre e dos pobres. Não poderia deixar de citar o padroeiro dos diáconos, São Lourenço, que como conta a história, de uma forma inteligente distribuiu os bens da Igreja aos pobres

e depois apresentou esses mesmos pobres como sendo a riqueza máxima da Igreja. Quanta sabedoria!

Mas esses exemplos de motivação não se encontram somente no passado, poderíamos citar outros, tais como Santa Dulce dos Pobres, famosa por acolher pobres doentes nas ruas de Salvador; Irmã Dorothy Stang com seu trabalho em favor dos pobres e do meio ambiente no estado do Pará; ou também Dom Paulo Evaristo Arns, com seu incansável trabalho durante os tempos da ditadura militar e em prol dos excluídos.

Porém, sem desmerecer nenhuma dessas personalidades acima, ou outras, escolhemos o trabalho do Padre Júlio Lancellotti, talvez pelo fato de estar mais próximo de nossa realidade física. Padre Júlio é uma dessas pessoas que podemos chamar de santa antes mesmo de sua partida, em função do amor que manifesta ao próximo diante do trabalho com os excluídos, com os mais necessitados seja na pastoral de rua; na pastoral carcerária; com crianças portadoras do vírus da AIDS, através da criação da Casa Vida como um espaço de acolhimento, tratamento da doença e principalmente afetividade e ternura, como podemos observar através do capítulo III.

Concordamos com o autor Antonio Manzatto ao dizer que devemos ser solidários aos pobres e desenvolver ações que sejam do ponto de vista emergencial e estrutural, para que saiam dessa situação de extrema pobreza e precariedade a que se encontram.⁶²

Neste sentido citamos alguns exemplos práticos de atividades que podem e devem ser inseridas pelos diáconos permanentes no exercício de seu ministério, apoiadas sempre pelo plano da Arquidiocese de São Paulo, e das paróquias às quais prestam diaconia, tais como:

População em Situação de Rua, que infelizmente cresce a cada dia, fruto de uma sociedade egocêntrica, que acaba se acostumando a ver o pobre dormindo na rua, e achando isso responsabilidade apenas dos governos. “Pois tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me acolhestes” (Mt 25,35); Pastoral Carcerária, onde a prisão muitas vezes acaba sendo o fim daquele que não teve a mesma chance na sociedade e caiu no erro, e que por motivos econômicos e

⁶² Cf. Manzatto, 2019, pag. 76

sociais o número de detentos também é crescente. “Estive [...] preso e viestes verme” (Mt 25,36);

Pastoral da Esperança, devolver a esperança àquele (a) que se encontra desesperado pelos mais variados motivos, mas de uma forma especial pela perda de um ente querido, levando o conforto, a esperança e a Palavra de Deus àquele que necessita. “Muitos judeus vieram até Marta e Maria, para as consolar da perda do irmão” (Jo 11,19). Neste campo o diácono permanente atua de forma especial na celebração das Exéquias, tornando-se presença ativa da Igreja que ao solidarizar-se, leva palavras de esperança e conforto.

Como vimos são pequenos exemplos de atividades que podem ser exercidas pelo Diácono Permanente, em resposta às necessidades mais urgentes do irmão carente, bem como atendendo ao pedido do Papa Francisco ao conclamar uma Igreja em Saída tendo como base a opção preferencial pelos pobres, levando a todos a alegria do Evangelho, e, finalmente, ou em primeiro lugar, ouvindo os apelos do mestre Jesus Cristo na construção do Reino de Deus no aqui e agora, um Reino onde todos tenham vida e vida em abundância.

REFERÊNCIAS

- AMADO, J.P.; FERNANDES L.A., (Orgs). *Evangelii Gaudium em Questão Alguns aspectos teológicos e pastorais*. 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 2014, Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2014
- Arquidiocese de São Paulo: Diretório para a Vida e o Ministério dos Diáconos Permanentes, Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, São Paulo, 2016.
- AUGUSTIN, G. *Por uma Igreja “em saída” Impulsos da Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. 1ª ed., São Paulo: Vozes, 2018
- BIBLIA DE JERUSALÉM, São Paulo: Paulus, 2002.
- CELAM. *Documento de Aparecida, Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, 13-31 de maio de 2007, 7ª ed.*, CNBB, Paulinas, Paulus, 2008
- CNBB. *Diretrizes para o Diaconado Permanente da Igreja no Brasil*. 1ª ed., São Paulo: Paulinas/Paulus, 2007.
- CNBB. *Formação para agentes da Pastoral Carcerária*. 1ª ed. 2014, reimpressão, 2015. São Paulo: Paulus, 2014.
- FRANCISCO. *Evangelii Gaudium A Alegria do evangelho. Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. 1ª ed., São Paulo: Paulus, 2019
- FRANCISCO. *Mensagem do Santo Padre Francisco para o I Dia Mundial dos Pobres, escrita em 13 de junho de 2017*.
- GOEDERT, V.M. *O diaconato permanente perspectivas teológico-pastorais*. 2ª ed., São Paulo: Paulus, 2020
- IGREJA CATÓLICA. *Catecismo da Igreja Católica*. 10ª ed., São Paulo, Loyola, 2000
- JUNIOR, F.A. *Nas Periferias do mundo Fé – Igreja – Sociedade*, 1ª ed., São Paulo: Paulinas, 2017
- LANCELOTTI, J. *Amor à maneira de Deus*, 1ª ed. São Paulo: Planeta, 2021
- LOPES, G. *Lumen Gentium Texto e Comentário*. 1ª ed. 2011, 2ª reimpressão 2017. São Paulo: Paulinas, 2017.
- MANZATTO, A., *Teologia do Papa Francisco – Jesus Cristo* – 1ª ed., São Paulo, Paulinas, 2019
- MAZAROLLO, I. - *Estudos Bíblicos*, 2019 - revista.abib.org.br, vol. 36, p. 72-82, jan/jun 2019
- ORIOLO, E. *Ser diácono*. 1ª ed., São Paulo: Paulus, 2018.

PEREIRA, J.C., Pastoral da Esperança Subsídio de implantação, formação e atuação de agentes, Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 2015.

STORNILO, I., Como ler o Evangelho de Lucas – Os pobres constroem a nova história – 3ª ed., São Paulo: Paulus, 1992

WOLF, E.; PALAFOX, A.E.; PEREZ, B.B. (Orgs.) A Teologia e a Pastoral na Cidade – Desafios e Possibilidades Atuais. 1ª ed., São Paulo, Paulus, 2021

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

<https://www.a12.com/redacaoa12/noticias/pastoral-carceraria-ira-celebrar-50-anos-no-santuاريو-nacional> acessado em 28/05/2022

<https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-sao-lourenco/152/102> acessado em 27/05/2022

<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/fila-para-doacao-de-ossos-se-estende-por-cinco-quarteiroes-em-cuiaba/> acessado em 17/05/2022

<https://cps.fgv.br/destaques/fgv-social-lanca-pesquisa-desigualdade-de-impactos-trabalhistas-na-pandemia> acessado em 15/05/2022

<https://franciscanos.org.br/carisma/sao-francisco#1541514208205-e9957a9f-f930> acessado em 27/05/2022

<https://gaudiumpress.org/content/arcebispo-ucraniano-santa-missa-sera-celebrada-nos-abrigos-antiaereos/> acessado em 05/03/2022

https://www.msf.org.br/o-que-fazemos/atividades-medicas/hivaids/?utm_source=adwords_msf&utm_medium=&utm_campaign=aids_comunicacao&utm_content=exclusao-saude_brasil_39923&gclid=CjwKCAjw7cGUBhA9EiwArBAvosZcQtB-HZConZkliUVCW-qNyw-ERo6U25J_gtGMm0CmqofcBV1GIxoC4G0QAvD_BwE&playlist=295237c&video=dd8121 acessado em 27/05/2022

www.olheparaafome.com.br acessado em 17/05/2022

<https://www.vidapastoral.com.br/edicao/amor-a-maneira-de-deus-uma-entrevista-com-pe-julio-lancellotti/> acessado em 22/05/2022

<http://verbodivino.org.br/Portal/index.php/8-noticias-da-igreja/49-pastoral-carceraria> acessado em 28/05/2022